



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM –  
PPCL

REBECA HARAPUQUE GALDINO ALVES

O USO E A OMISSÃO DO YO: UMA ANÁLISE SOCIOPRAGMÁTICA DO  
FILME *HASTA QUE NOS VOLVAMOS A ENCONTRAR*

MOSSORÓ-RN

2024

**REBECA HARAPUQUE GALDINO ALVES**

**O USO E A OMISSÃO DO YO: UMA ANÁLISE SOCIOPRAGMÁTICA DO  
FILME *HASTA QUE NOS VOLVAMOS A ENCONTRAR***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências da Linguagem ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Área de concentração: Linguagens e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Adrião da Silva Júnior

**MOSSORÓ-RN**

**2024**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A474u Alves, Rebeca Harapuque Galdino  
O uso e a omissão do yo: uma análise sociopragmática do filme *Hasta que nos volvamos a encontrar*. / Rebeca Harapuque Galdino Alves. - Mossoró, 2024.  
85p.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Adrião da Silva Júnior.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Atenuação. 2. Atos de fala. 3. Dêixis. 4. Sociopragmática. 5. Yo. I. Silva Júnior, Pedro Adrião da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**REBECA HARAPUQUE GALDINO ALVES**

**O USO E A OMISSÃO DO YO: UMA ANÁLISE SOCIOPRAGMÁTICA DO  
FILME *HASTA QUE NOS VOLVAMOS A ENCONTRAR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – *Campus* Central, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Pedro Adrião da Silva Júnior - UERN  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá - UERN  
(Examinadora Interna)

---

Profa. Dra. Adriana Marcelle de Andrade Freitas - UFRN  
(Examinadora Externa)

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

A Deus, que reflete em mim  
sabedoria para questionar realidades  
escondidas nas entrelinhas da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ainda que o mundo das letras e o fascínio de sua ciência prendam-me a atenção, fogem-me as palavras quando o sentimento predominante é o de gratidão. Então, recorrendo ao mais singelo vocabulário, agradeço a Deus pelo dom da sabedoria e pelos frutos da mansidão e temperança que são primordiais para a escrita do presente trabalho. Agradeço também pela inspiração que me fez redigir as palavras certas durante o percurso dessa escrita.

No mais, agradeço à minha mãe, Cleide, que colaborou com minha formação me cobrindo de oração e dando tudo de si para que eu pudesse estudar; ao meu pai, Marcos, que investiu na base dos meus estudos; e à minha tia, Kátia, que se dispôs a dar muitas viagens para que eu pudesse assistir às aulas. À minha família, que colaborou ao conceder meus pedidos de silêncio. Sem vocês eu não sairia do papel, ou melhor, dos pequenos versos escondidos com rimas. Vocês me incentivam a ser melhor todos os dias.

Deixo a minha gratidão ao meu orientador, Pedro, que enxergou potencial e luz em mim para desenvoltura desta pesquisa, sobretudo em um momento em que eu mais duvidei de mim. A todo corpo docente do PPCL que fortaleceu minha base ao compartilhar ensinamentos e desdobramentos da área tão vasta da linguagem.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço pela disponibilidade da bolsa que permitiu que eu dispusesse de todo meu tempo para dedicar-me totalmente à pesquisa.

Ao meu amigo Joilton que se dispôs de maneira singular a prestar-me apoio com palavras positivas e materiais que não só me ajudaram a desenvolver o trabalho, mas que me inseriram no mundo da pragmática. Você é um anjo em minha vida.

Por fim, agradeço a mim mesma por não parar e continuar perseverante em sempre terminar o que começo a fazer, mesmo que chorando. Por fixar os olhos na certeza de que “aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão” (Salmos 126:5).

“Cada um cuide, não somente dos  
seus interesses, mas também dos  
interesses dos outros”

(Filipenses 2:4).

## RESUMO

É certo que o uso pronominal do *yo* (“eu” em português) tem sido estudado por vários linguistas e também por diferentes vertentes. Para tentar entender mais a fundo, o presente estudo visa observar o comportamento desse pronome e os elementos sociopragmáticos que justificam seu uso e sua omissão nos atos de fala proferidos pelos protagonistas do filme *Hasta que nos volvamos a encontrar*, levando em consideração que um deles é nativo do Peru e o outro da Espanha. Para isso, aderimos uma metodologia de abordagem qualitativa e, quanto aos objetivos, descritiva, tendo em vista que descrevemos os dados à luz das pesquisas de alguns autores como Cantero (1976) e Serrano (2014) no que diz respeito aos estudos pragmáticos sobre a omissão e uso do dêitico; Briz (2005) e Gomes (2013) no que tange às considerações acerca das estratégias de atenuação. No que diz respeito ao procedimento da pesquisa, de acordo com os estudos de Bauer, Gaskell e Allum (2002), a pesquisa se enquadra como levantamento por amostragem, tendo em vista que a análise se dá por meio da descrição das características e do perfil linguístico de uma dada comunidade. Mediante os estudos e análise, verificamos, a partir dos resultados, as seguintes interferências com base nos autores mencionados: omissão em decorrência do contexto; omissão por verbos performativos; omissão por distanciamento; expressão para evitar ambiguidade; expressão reforçada por advérbios; expressão livre motivada pela posição de luta por parte da personagem peruana e, por fim, uso com variação pré-verbal e pós-verbal.

**Palavras-chave:** Atenuação; atos de fala; dêixis; sociopragmática; *yo*,

## RESUMEN

Es cierto que el uso pronominal del yo ha sido estudiado por varios lingüistas y también desde diferentes vertientes. Para intentar entender más a fondo, el presente estudio tiene como objetivo observar el comportamiento de este pronombre y los elementos sociopragmáticos que justifican su uso y su omisión en los actos de habla proferidos por los protagonistas de la película *Hasta que nos volvamos a encontrar*, teniendo en cuenta que uno de ellos es nativo de Perú y el otro de España. Para ello, adoptamos una metodología de enfoque cualitativo y, en cuanto a los objetivos, descriptiva, ya que describimos los datos a la luz de las investigaciones de algunos autores como Cantero (1976) y Serrano (2014) en lo que respecta a los estudios pragmáticos sobre la omisión y uso del deíctico; Briz (2005) y Gomes (2013) en lo que se refiere a las consideraciones sobre las estrategias de atenuación. En cuanto al procedimiento de la investigación, de acuerdo con los estudios de Bauer, Gaskell y Allum (2002), la investigación se clasifica como encuesta por muestreo, ya que el análisis se realiza mediante la descripción de las características y el perfil lingüístico de una determinada comunidad. A través de los estudios y análisis, verificamos, a partir de los resultados, se plantean las siguientes inferencias basadas en los autores mencionados: omisión debido al contexto; omisión por verbos performativos; omisión por distanciamiento; expresión para evitar ambigüedad; expresión reforzada por adverbios; expresión libre motivada por la posición de lucha de la personaje peruana y, finalmente, uso con variación pre-verbal y post-verbal.

**Palabras-clave:** Atenuación; actos de habla; deixis; sociopragmática; yo.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Intercâmbio comunicativo entre Salvador e Ariana ..... | 19 |
| Figura 2 – Interação entre os protagonistas .....                 | 19 |
| Figura 3 – Diálogo entre Salvador e o motorista .....             | 25 |
| Figura 4 – Salvador chega ao seu destino .....                    | 26 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Omissão pelo contexto formal .....               | 56 |
| Tabela 2 – Omissão pelo contexto informal .....             | 58 |
| Tabela 3 – Omissão por verbos performativos .....           | 59 |
| Tabela 4 – Omissão por distanciamento .....                 | 62 |
| Tabela 5 – Expressão para evitar ambiguidade .....          | 63 |
| Tabela 6 – Expressão reforçada por advérbios .....          | 64 |
| Tabela 7 – Uso com variação pós-verbal .....                | 65 |
| Tabela 8 – Uso com variação pré-verbal .....                | 66 |
| Tabela 9 – Omissão pelo contexto informal .....             | 67 |
| Tabela 10 – Expressão intensiva por meio do <i>me</i> ..... | 69 |
| Tabela 11 – Omissão por verbos performativos .....          | 69 |
| Tabela 12 – Omissão por distanciamento .....                | 70 |
| Tabela 13 – Expressão para evitar ambiguidade .....         | 71 |
| Tabela 14 – Expressão reforçada por advérbios .....         | 72 |
| Tabela 15 – Organização dos sujeitos .....                  | 72 |
| Tabela 16 – Uso com variação pré-verbal .....               | 73 |
| Tabela 17 – Uso com variação pós-verbal .....               | 74 |
| Tabela 18 – Uso facultativo .....                           | 75 |

## SUMÁRIO

|                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>                                      | <b>14</b> |
| <b>2 ESTUDOS PRAGMÁTICOS: ATOS DE FALA E A SOCIOPRAGMÁTICA .</b>          | <b>17</b> |
| 2.1 Pressupostos teóricos da pragmática e conceitos básicos.....          | 17        |
| 2.2 Atos de fala e produção de sentido .....                              | 24        |
| 2.3 A sociopragmática e as relações de poder: uma breve introdução ....   | 30        |
| <b>3 DÊIXIS.....</b>                                                      | <b>33</b> |
| 3.1 O uso do <i>yo</i> e seu comportamento .....                          | 35        |
| 3.2 O uso e a omissão.....                                                | 37        |
| 3.3 Cortesia e Atenuação.....                                             | 38        |
| 3.3.1 Cortesia: contribuições pragmlinguísticas e socioculturais.....     | 39        |
| 3.3.2 A imagem social espanhola e peruana .....                           | 42        |
| 3.3.3 Contribuições sobre a atenuação .....                               | 45        |
| <b>4 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>                                     | <b>48</b> |
| 4.1 Pressupostos metodológicos .....                                      | 48        |
| 4.2 Classificação da investigação.....                                    | 49        |
| 4.3 <i>Corpus</i> do estudo.....                                          | 51        |
| 4.4 <i>Hasta que nos volvamos a encontrar: síntese do corpus</i> .....    | 53        |
| 4.5 Procedimento de análise da pesquisa.....                              | 54        |
| 4.6 Análise – <i>El Yo</i> .....                                          | 55        |
| 4.6.1 Os casos de omissão e uso do <i>yo</i> proferidos por Salvador..... | 56        |
| 4.6.2 Os casos de omissão e uso do <i>yo</i> proferidos por Ariana .....  | 67        |
| 4.6.3 Pontos divergentes e convergentes da análise .....                  | 75        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                       | <b>78</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                   | <b>81</b> |

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 91).

É inerente ao ser humano a necessidade de comunicação. Para tal, a linguagem é a ferramenta que utilizamos para trocar informações e, também, expressar os sentimentos e pensamentos. Com isso, nasceu a interação entre os indivíduos, surgindo, assim, a língua. Dominar o código linguístico, ou seja, saber o idioma, é essencial para a realização de tarefas rotineiras, mas, além disso, é por meio da língua que revelamos quem somos, de onde viemos e nossas intenções.

Ora, é corriqueiro entender que o ato de comunicar está reduzido apenas à troca de informação, entretanto, não é viável conceituar a comunicação simplesmente a essa definição, pois sabemos que nem sempre nossa intenção ao dirigirmos a alguém é de informar. Contudo, utilizamos a língua, inúmeras vezes, para elaborar outras atividades como pedir, agradecer, ordenar e insultar, por exemplo. Sobretudo, utilizamos não apenas para descrever o mundo, mas para ocupar nosso lugar nele.

Tendo em vista que tais ações estão inseridas no campo da linguística, é mais precisamente na área da pragmática que se encontra respaldo para identificar intenções, força ilocutória e inferências no desenvolver da comunicação. Os atos de fala, teoria desenvolvida dentro desse campo, dão todo aporte sobre essa força e suas intencionalidades.

Para aprofundar o conhecimento, é necessário adentrarmos no prisma social, ao qual abarca a sociopragmática, para encontrarmos os elementos que percorrem o trajeto com as intenções influenciando as mensagens transmitidas nos atos de fala dos interlocutores.

Tendo em mente os conceitos supracitados, a nossa pesquisa consiste em uma análise sociopragmática dos elementos interacionais que rodeiam o uso e a omissão do pronome dêitico *yo* na língua espanhola mediante os enunciados proferidos pelos protagonistas do filme *“Hasta que nos volvamos a encontrar”* e, em português, “Até a próxima vez”.

A questão que norteou a pesquisa foi a seguinte: Quais os elementos pragmáticos e sociopragmáticos que influenciam o uso e a omissão do *yo*? A partir dela, foi possível traçar os objetivos e metodologia para, assim, seguir com o andamento da investigação.

A partir da questão norteadora, buscamos verificar como os elementos pragmáticos e sociopragmáticos influenciam nos casos de omissão e uso do *yo*. Por meio desse, a pesquisa se direcionou para os seguintes três objetivos específicos: a) selecionar os enunciados proferidos pelos protagonistas que possuem a presença e a ausência do pronome; b) observar quais elementos pragmáticos interferem nos casos do uso e omissão do pronome *yo*; e, c) analisar os enunciados sob a perspectiva da sociopragmática.

Quanto ao referencial teórico, no que diz respeito à pragmática, valemo-nos de alguns estudos, entre eles, de Escandell Vidal (1996) e Leão (2013). Quanto aos atos de fala, embasamo-nos em Austin (1982), Searle (1994), Oliveira (2010) e Silva Júnior (2021). Quanto aos conceitos acerca da Sociopragmática, tomamos como base as referências de Briz (2012) e Porcellato (2021).

Para embasar o segundo capítulo, no que tange à dêixis em espanhol, utilizamos as investigações de autores como Cifuentes (1989) e Blancafort e Valls (2008). A respeito das discussões sobre imagem social, usamos alguns autores como Escandell-Vidal (1996), Leão (2013) e González (1994); por fim, para a cortesia e os elementos que rodeiam o *yo* nos alicerçamos em Bravo (2004), Briz (2005), Cantero (1976), Haverkate (1994) e Benveniste (1976).

No tocante a nossa metodologia, utilizamos uma abordagem qualitativa, com fins descritivos e explicativos. Descritivos porque detalhamos o fenômeno do uso e da omissão do *yo*, e explicativo porque analisamos os enunciados a fim de os explicar. Além disso, o método escolhido foi o de análise de conteúdo, mais precisamente o da categorização, fase responsável por unir os dados e avaliar o que há em comum.

O interesse pessoal por esta pesquisa se deu na graduação ao estudar as variações linguísticas. No desejo de ampliar o conhecimento sobre as divergências linguísticas e extralinguísticas entre duas comunidades de fala situadas na América Latina e na Espanha, área andina e castelhana, a presente pesquisa surgiu para entender como as convenções sociais intervêm nos enunciados.

Além disso, a justificativa pela escolha de pesquisar a dêixis também se deu pelo fato de que na graduação as explicações nos instigam a refletir. A grosso modo, geralmente, nas aulas de gramática normativa é dito que os pronomes podem vir ou não, e se não vierem a pessoa pode ser identificada pela conjugação verbal. Entretanto, não se questiona a razão disso e, muito menos, se está reduzida a uma questão gramatical e se existem outros aspectos que põem justificar a ausência ou presença dos pronomes.

Em virtude disso, espera-se que o trabalho, além de cooperar com a ciência, contribua com o ensino e formação de professores de língua espanhola de modo a complementar com as aulas já que ele traz mais informações acerca de fatores que ocorrem de fato na língua em uso. O estudo do *yo* é mais que um elemento gramatical, ele carrega nuances pragmáticas, sociolinguísticas e culturais que influenciam a forma como os falantes se expressam e interagem.

A fim de organizar e melhorar o entendimento do trabalho, a presente pesquisa está dividida, ademais desta introdução, em dois capítulos teóricos, sendo o primeiro voltado para as questões teóricas no tocante à pragmática e dêixis pessoal, mais precisamente no pronome *yo*.

No terceiro capítulo, temos todo o apanhado metodológico, discussão do *corpus* e realizamos a parte de análise. Para concluir, apresentamos as considerações finais obtidas por meio da presente investigação.

Após essas considerações iniciais e gerais acerca da temática, cabe, no próximo tópico, explanar mais acerca dessa área da linguística destacando sua amplitude, conceitos introdutórios e algumas teorias que fundamentam a área, assim como sua perspectiva social.

## 2 ESTUDOS PRAGMÁTICOS: ATOS DE FALA E A SOCIOPRAGMÁTICA

“[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”  
(Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 91).

Neste capítulo conceitual, dissertamos acerca de algumas definições teóricas da pragmática, conforme a perspectiva de autores como Levinson (2007), Escandell-Vidal (1996), Leão (2013), Frías Conde (2001) e Cantero (1976). Eles explanam as principais linhas da teoria, descrevem seus pressupostos teóricos e explicam sua funcionalidade e importância.

Além desses, apresentamos de forma sintética a teoria desenvolvida por Austin (1982) e Searle (1994) sobre os atos de fala. Expomos os conceitos que fundamentam seus estudos e, principalmente, a colaboração deles na produção de sentido. Além desses já mencionados, contamos com a cooperação de outros estudiosos como Oliveira (2010), Silva Júnior (2021), Charaudeau (2008) e Torre Medina (2004).

Levando em consideração o fato de que a pragmática foge da perspectiva formalista e engloba em suas pesquisas os fatores extralinguísticos, ou seja, elementos de fora da língua, abrimos uma última seção para abordar de maneira sucinta sobre a sociopragmática, a subárea que norteia a presente investigação.

### 2.1 Pressupostos teóricos da pragmática e conceitos básicos

Desde os primórdios, a humanidade apresenta a necessidade de interação e comunicação, e é a linguagem o instrumento utilizado para tal. Responsável por moldar a identidade do ser humano, a linguagem não se reduz a um conjunto de regras gramaticais e códigos. Contudo, quando a linguística foi estabelecida como ciência, os estudos eram formalistas e os fatores extralinguísticos eram desconsiderados. A língua era apresentada como homogênea e invariável.

Apesar do avanço nos estudos das teorias formais e dos diversos prismas sobre os quais a língua era estudada, a pragmática se apresentou à ciência com uma ideia inovadora ao analisar os enunciados do ponto de vista de seus usuários e a situação comunicativa que os rodeiam. Foi com os estudos da pragmática que

passaram a incluir a relação entre língua e contexto, motivações dos interlocutores, fatores sócio-históricos, culturais e até econômicos em seus estudos. Esses elementos tornaram-se pontuais para as análises da língua em seu uso concreto e efetivo.

De modo lacônico, a pragmática é, em relação às outras teorias, uma das mais novas no ramo da linguística. Desde então, diversos pesquisadores têm investigado os fenômenos linguísticos sob sua ótica. Levinson (2007) afirma que se encontra em Charles Morris o uso inaugural do termo, pois seus estudos eram relacionados à semiótica e ao dividi-la, precisou de um vocábulo que definisse a relação entre o signo e seus intérpretes.

Levando em consideração o supradito, Escandell-Vidal (1996) diz que não é justo delimitar a pragmática apenas ao signo e seus usuários, já que apresenta um terreno amplo, ou melhor, incalculável, tanto pela sua extensão de conteúdos como por sua natureza interdisciplinar. Ela abrange o conteúdo não gramatical, isso quer dizer os elementos que vão além do código linguístico e recebem influência direta dos indivíduos, sua visão de mundo, contextos e intenção comunicativa, por exemplo. Portanto, pode-se dizer que a pragmática está concentrada na maneira como a situação comunicativa e o contexto influenciam o significado e a interpretação dos atos de fala gerados pelos falantes de uma língua.

Esclarecidos os direcionamentos ditos em tese inicial, é importante deixar claro que o ato depende dos saberes que circulam na sociedade e isso reafirma a alteridade existente entre o processo de produção e interpretação do ato, pois, a depender do contexto, um determinado grupo cria para si um conjunto de possíveis interpretativos. É a partir dessa observação que é permitido apontar a existência da relação que os protagonistas da comunicação partilham entre si e entre a linguagem (Charaudeau, 2008).

Charaudeau (2008) delimita que o processo de produção intervém das vivências e experiências vividas por cada um; e a interpretação provém dos saberes partilhados em uma dada comunidade languageira. O que se propõe, em síntese, é que o ato de linguagem está em constante movimentação e se apresenta de forma única.

Com o objetivo de ilustrar o supracitado, expomos uma situação com a finalidade de explicar e, sobretudo, exemplificar a importância do conhecimento do

contexto para compreender uma situação comunicativa. Vejamos o diálogo entre os personagens Salvador e Ariana do filme que compõe o *corpus* deste trabalho.

Figura 1 – Intercâmbio comunicativo entre Salvador e Ariana



Fonte: Netflix (2022).

No enunciado proferido por Salvador, é notório sua animação em compartilhar com Ariana seu projeto que visa mudar o rumo do turismo de Cusco. Ele vem da capital da Espanha, é motivado pela modernidade e vida agitada pelos negócios. Além disso, sua fixação pelo trabalho também vem uma necessidade de aprovação por seu pai. Essa informação é necessária para que se entenda sua felicidade.

Por outro lado, Ariana é uma mulher peruana, mochileira, que vive a vida motivada pela natureza e longe de preocupações. Contudo, o espectador sabe que além desses adjetivos que a classificam, ela é movida por um trauma e pela necessidade de guardar memórias que justificam sua resposta na figura seguinte.

Figura 2 – Interação entre os protagonistas



Fonte: Netflix (2022).

Quando não há o conhecimento da visão dos personagens, suas crenças e contexto em geral, a inferência é a literalidade que o código linguístico entrega, ou seja, a partir do dito, o que se infere com o enunciado é que a protagonista está, de igual modo, satisfeita com a obra já que “concorda” com os benefícios citados por Salvador. Nesse caso, é importante que o espectador tenha consciência dessas informações para entender que esse “totalmente” dito por Ariana é uma ironia.

As mensagens recebem diferentes tipos de influências que expandem as possibilidades de inferências, entre elas, está o contexto. Frías Conde (2001) define como a realidade onde o enunciado é desenvolvido. Como essa pesquisa está voltada ao estudo da língua e a influência do contexto, Levinson (2007) complementa o conceito dizendo que o contexto relaciona os interlocutores, sua identidade, conhecimentos e crenças com os elementos temporais e espaciais do discurso.

A presente investigação também está orientada ao estudo da omissão e uso do pronome dêitico *yo*, nos deteremos, portanto, à perspectiva de Cantero (1976) que apresenta o contexto em duas classificações: formal e informal. O autor relaciona o primeiro aos ambientes em que há uma estruturação específica, regras sociais e linguagem técnica, isso porque menciona que os contextos formais são aqueles que exigem temas científicos, tais como aulas, conferências e afins. Já o segundo, a situações descontraídas, com temas pessoais e autobiográficos.

Retomando o processo conceitual e relacionando com as teorias formais, Leão (2013) diz que a pragmática trabalha com o que Chomsky, autor gerativista, chama de desempenho conversacional já que observa o uso da língua e as inferências, ou seja, o entendimento na comunicação. Chomsky, em sua teoria, menciona a existência da competência e do desempenho da faculdade da linguagem. Conceitua a competência com a capacidade mental do ser humano de armazenar informações, em contrapartida, o desempenho como o uso dessas informações mediante a fala (Chomsky, 2005).

A partir dos conceitos aludidos, podemos absorver que enquanto a gramática trabalha com a competência, com o sistema interno da língua, ou seja, a estrutura dos enunciados, a pragmática se ocupa do sistema de desempenho já que analisa o uso da gramática em diversos contextos comunicativos.

Escandell-Vidal (1996) menciona que há uma distância entre o que se diz e o que realmente se quer dizer já que se pode aderir um significado diferente do que o literal. Esse significado é dependente do contexto e quando há subordinação com ele, também há conteúdo além do gramatical.

Por meio da pragmática é possível detectar três problemas habituais da comunicação por meio da língua ou fenômenos visíveis nos enunciados pragmáticos. Escandell-Vidal (1996) os caracteriza em: o significado convencional, sintaxe e contexto e, por último, a referência e dêixis. De antemão, é válido dizer que é na perspectiva pragmática que é possível o acesso para a resolução desses problemas.

De maneira breve, o primeiro se refere ao fato de que, muitas vezes, utilizamos uma palavra que significa em algo, e a colocamos em um contexto onde não encaixa, mas a compreensão é possível, pois ao utilizá-la acabamos fornecendo um novo sentido por conta do contexto onde ela foi desenvolvida.

O segundo diz respeito à liberdade dada pela língua no que diz respeito à ordem das palavras e à morfologia. A posição que as palavras ocupam no enunciado são determinadas pelo contexto, emissores e conhecimento que compartilham (Escandell-Vidal, 1996). Em um determinado contexto, pode-se dizer a mesma coisa, com as palavras ordenadas de forma distinta, sem que saiam da sua condição da verdade, por exemplo. Isso explica sua subordinação ao contexto, já que ainda que a frase mude, o contexto permanece o mesmo.

O último problema mencionado é o mais interessante para a presente pesquisa é o da referência e dêixis, pois para compreender uma frase é necessário não só assimilar o significado, mas entender quem são os referentes, o objeto certo mencionado na conversa (Escandell Vidal, 1996). Motivados por um “eu-aqui-agora”, apenas o contexto fornece as informações necessárias para identificar os elementos. São eles que recebem o nome de dêixis. Veremos mais sobre esse elemento no próximo capítulo.

Seguindo essa linha de raciocínio, o enunciado pragmático é repleto de fenômenos, mas abrange, de igual modo, elementos que configuram a situação comunicativa. Eles são classificados por Escandell Vidal (1996) em componentes de natureza material e imaterial. Os primeiros são: emissor, destinatário, enunciado, entorno e a informação pragmática; os segundos são as relações que os primeiros estabelecem tais como: a informação pragmática, a intenção, o significado e a

interpretação. Para este estudo, consideraremos os dois tipos, sobretudo o segundo que compreende as relações sociais. De modo breve abordaremos sobre cada um deles.

Tende-se a entender que emissor é aquele que profere um dito com alguma intencionalidade, contudo, para Escandell Vidal (1996), o emissor vai além de um mero transmissor de informação, mas é um sujeito real dotado de valores, crenças, sentimentos e conhecimentos. Ainda assim, é importante chamar a atenção para o fato de que o emissor não é um falante, já que falante está relacionado à aquisição de um idioma e continua como tal até em momentos em que se cala; por outro lado, só é emissor o falante que faz o uso da língua em determinados momentos, tornando assim sua natureza sujeita à troca de papéis, uma hora o emissor passa a ser o destinatário, pessoa ouvinte (Escandell Vidal, 1996).

O destinatário não é qualquer um. O emissor prepara o enunciado especialmente para ele por meio de uma prefiguração ideal. Frías Conde (2001) conceitua o enunciado como uma frase ou oração contextualizada, que deve estar subordinada a um contexto e seu significado depende da interpretação. De forma mais sucinta, Escandell Vidal (1996) diz que é a mensagem.

O quarto e último elemento da natureza material é o entorno. Ele abrange as coordenadas do “aqui-agora”, ou seja, é um elemento espaço-temporal. Trata-se de um lugar físico onde a conversa é desenrolada. Todavia, Escandell Vidal (1996) mostra que o entorno não se limita a um mero cenário. Conhecido também como contexto, ele se transfigura do plano físico e se desenvolve em conceitualizações do mundo realizadas pelos falantes.

De modo mais simples, Frías Conde (2001) classifica em contexto social, que é próprio de um grupo ou comunidade; situacional, que é físico; e linguístico que o tema que rodeia os enunciados. Por outro lado, Escandell Vidal (1996) é mais detalhista em acrescentar o contexto histórico, que diz respeito às situações históricas de conhecimento compartilhado entre os integrantes da conversa; o empírico, que é a representação do estado das coisas conhecidas entre os interlocutores; o natural, que é o conjunto total de contextos empíricos; e, por fim, o ocasional que engloba os acontecimentos que ocorrem de forma subjetiva durante a interação. Nos valem os deles nos elementos sociais.

Para começar com os elementos relacionais ou imateriais, temos o primeiro: a informação pragmática. Escandell Vidal (1996) classifica como um conjunto de conhecimento, crenças, sentimentos e opiniões dos indivíduos expressados e compartilhados no momento da interação. Esse elemento torna possível a comunicação, pois expressa o que há de comum entre os interlocutores.

A continuação é como já dito, mais do que simplesmente transmitir informação, o emissor utiliza de intenções ao emitir uma mensagem que moldam a interação entre falante e ouvinte. Isso quer dizer que compreender a intenção é mergulhar na complexidade das entrelinhas já que é necessário entender o que está nas entrelinhas para compreender o enunciado (Leão, 2013).

Escandell Vidal (1996) afirma que a intenção funciona como um regulador de condutas. Isso é possível de visualizar, pois o falante utiliza dela para alcançar o que anela. Sua importância é mais explícita ainda nas questões de ambiguidade, já que entender as entrelinhas pode ser mais significativo do que o que está sendo dito de forma literal. Além desse fato, Leão (2013) nos instrui o fato de que é possível identificar algumas possíveis intenções ao analisar o contexto da situação comunicativa e os objetivos da conversa.

Como mencionado, o enunciado é construído com pensamento voltado ao destinatário, por essa razão, a relação social entre os interlocutores assume um grau de suma importância. A esse último ou penúltimo elemento imaterial, Escandell Vidal (1996) diz que ele existe simplesmente pelo fato de os seres humanos pertencerem a uma comunidade social e dependendo do grau de proximidades que os interlocutores tenham, o enunciado é formulado de modo diferente.

Isso se deve ao fato de que, como afirma Leão (2013), a pragmática se ocupa de analisar a eleição das palavras utilizadas na comunicação se atentando, mais precisamente, ao desenvolvimento e desempenho da conversa. Ela retira o foco do significado das palavras isoladas e expande os estudos para além do que elas dizem de maneira literal.

Por essa razão, a pragmática analisa e observa tanto o uso da língua como o entendimento dela, procurando entender como o contexto influencia nisso. Após essas considerações veremos, nas próximas seções, uma das principais linhas de investigação da pragmática desenvolvidas por Austin (1982) e Searle (1994).

## 2.2 Atos de fala e produção de sentido

Nessa via de mão dupla em que se analisa o uso e a compreensão dos enunciados, John Langshaw Austin tentou complementar os estudos da linguagem ao analisar a língua em seu uso efetivo e cotidiano. Sem dúvidas, esse é um estudo importante e revolucionário da área da pragmática.

O uso da linguagem reflete diversos significados. Oliveira (2010) diz que esse uso reflete culturas e comportamentos já que decorrem de escolhas que os falantes fazem a todo momento. É bem verdade que por consequência disso os sentidos também são variados já que depende dos cenários coincidentes que lhes atribuem.

Ao observar as diversas funções da linguagem, o renomado filósofo britânico percebeu que a linguagem não servia apenas para descrever as coisas ou trocar informações, ele notou que falar, também, é agir, devido ao fato de que na medida em que dizemos algo estamos realizando ações (Austin, 1982).

Austin (1982) distingue dois tipos de elocução ou duas linhas de raciocínio: constativas e performativas. Ademais, afirma que a linguagem está constituída por três instâncias que ele chama de ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Entretanto, é necessário que entendamos, primeiramente, o conceito de ato de fala para compreendermos as distinções elaboradas tanto por Austin como, posteriormente, por Searle (1994).

Frías Conde (2001) conceitua o ato de fala como um enunciado proferido por alguém em um determinado contexto. Além do mais, refere-se a uma unidade linguística que não transmite apenas informações ou descrição do estado das coisas, mas uma ação social instantânea. É possível notar isso quando proferimos verbos performativos na voz ativa (Austin, 1982).

Complementando essa ideia, Charaudeau (2008), de maneira precisa, apresenta o ato de fala composto por quatro competências: a **situacional** que é onde se observa o contexto, finalidade da situação comunicativa e a identidade dos envolvidos; a **competência semiolinguística** que consiste em organizar os modos da encenação do ato em argumentativo, narrativo, enunciativo e descritivo; também, a **competência semântica**, que se encarrega de construir sentido por meio das formas verbais com base nas crenças que circulam na sociedade; por último, o conjunto das três citadas fazem funcionar a **competência discursiva**, ou seja, a

capacidade de produzir e interpretar enunciados. Consequentemente, essa capacidade faz acontecer o ato de linguagem que é incumbido de estabelecer os vínculos sociais. Em síntese, o ato de linguagem nada mais é do que um evento da comunicação que envolve o contexto, os papéis dos sujeitos e, também, os elementos linguísticos e situacionais.

Retomando aos conceitos principais, Silva Júnior (2021) os simplifica ao dizer que os atos constativos são aqueles enunciados que prezam pela verdade ou falsidade dos fatos. Ainda assim, é necessário ter em mente que a interpretação de um ato constativo é subjetiva, pois pode depender do contexto e das convenções compartilhadas pelos falantes (Escandell Vidal, 1996).

Por outro lado, os performativos englobam ações comunicativas como agradecer e ordenar, por exemplo; acontece quando o ato de fala gera uma ação instantânea ao ser proferido, podendo ser classificados como inadequados.

Partindo desse pressuposto, ao mesmo tempo que podem ser constativos ou performativos, os enunciados podem realizar três atos consecutivos como já foi mencionado anteriormente. Na ótica de Austin (1982), eles são atos simultâneos. De acordo com o autor, o ato locucionário é o simples ato de dizer algo; dito de outro modo, é a própria enunciação de uma oração. Já o ato ilocucionário está relacionado à intenção ou ao desejo que algo ocorra mediante o enunciado proferido, como um pedido, por exemplo. Por último, o ato perlocucionário é o resultado dessas instâncias, é o efeito produzido no interlocutor; dito de forma mais clara, é o efeito alcançado com o dito.

De modo a ilustrar os conceitos dados acima, selecionamos como exemplo a seguinte cena do filme:

**Figura 3 – Diálogo entre Salvador e o motorista**



Fonte: Netflix (2022).

A situação mostra Salvador que acaba de chegar em Cusco para conhecer a cidade e o local onde será desenvolvido o seu projeto. No contexto da situação, ou seja, ao parar no hostel, o motorista emite um ato locucionário ao proferir um enunciado e, sobretudo, um ato ilocucionário simultaneamente. Ao olhar do ponto de vista literal, ele só estava dizendo uma afirmação, mas o ato em questão aqui é mais do que uma afirmação, ele estava transmitindo uma informação e, nas entrelinhas, pedindo que Salvador pegasse a chave. É possível comprovar esse fato com a próxima figura. Nela, a inferência do protagonista é a de pegar o que estava sendo solicitado.

Figura 4 – Salvador chega ao seu destino



Fonte: Netflix (2022).

Como é possível ver na figura, o ato perlocucionário é a ação de Salvador em recolher a chave, ainda que de forma direta o motorista não tenha realizado um pedido.

Austin (1982), na décima instância, responsabiliza cada ato com uma tarefa favorecendo o entendimento acerca deles. O ato locucionário é responsável por carregar significado; o performativo por possuir força; e, por fim, o perlocucionário consegue os efeitos. O autor ainda salienta que embora estejam intrínsecos entre si, é notável a sua natureza independente.

Mediante os aspectos da teoria dos atos de fala, Oliveira (2010) reafirma a natureza do ato ilocucionário quando diz que a pragmática evidencia a intencionalidade do sujeito e essa intenção faz parte do comportamento humano.

Além dessas classificações, Austin (1982) distingue dos atos constativos os atos realizativos. Ambas as categorias destacam a natureza performativa da

linguagem, mas há uma diferença marcante e fundamental entre elas. Esse estudo serve para que entendamos como a linguagem é utilizada para realizar algumas ações específicas.

Os atos constativos descrevem os fatos, o estado das coisas e avaliam sua veracidade; eles representam e descrevem a realidade. Os exemplos de verbos dessa natureza incluem descrever e afirmar. Por outro lado, os atos realizativos já propõem a ação incluída no momento de fala, ou seja, são aqueles em que a emissão é simultânea à realização da ação. Essa ocorrência é visível quando proferimos os verbos sugerir, agradecer e pedir, por exemplo.

A categoria dos atos realizativos explícitos, como a própria nomenclatura entrega, a intenção é notada na sentença proferida. O falante não só comunica a informação, como já a realiza. Esses atos são, geralmente, guiados por verbos performativos (Austin, 1982). Essa explicitação favorece o entendimento do destinatário e não exige tanta força cognitiva.

Sob outro enfoque, os atos realizativos implícitos são aquelas em que a intenção não é expostamente declarada no enunciado, mas ainda está presente na estrutura da oração (Austin, 1982). Isso quer dizer que ainda que o falante não deixe sua intenção explícita ela ainda está nas entrelinhas. Esse ato é visível na ilustração da cena do filme explanada anteriormente, pois o pedido não estava exatamente sendo feito em sua forma direta.

A fim de complementar a ideia, Charaudeau (2008) diz que *explícito* é visível na configuração verbal, na atividade mais estrutural da linguagem, ou melhor, no reconhecimento morfossemântico. Por outro viés, o *implícito* está na subjetividade, na intencionalidade do sujeito falante, no processo de significação. Ambos os conceitos interagem entre si, e para identificá-los é necessário levar em conta o enunciador, contexto, finalidade e intertextualidade.

Essa linha desenvolvida por Austin é considerada muito importante nos estudos pragmáticos, embora inicialmente não tenha sido considerada dessa forma. Mais tarde, John Searle (1994) apresentou uma continuação dos estudos de Austin embasada em questões filosóficas, e o desenvolver dos atos de fala se deu com enfoque nos atos ilocucionários (Escandell-Vidal, 1996).

Sua teoria envolve um esquema, de igual modo, de língua e indivíduos. Searle (1994) defende a ideia de que falar uma língua consiste em interiorizar e dominar um

sistema de regras que são expostas mediante a produção de atos de fala. Esses atos se resumem em diversas funções como ordenar, prometer e perguntar, por exemplo (Searle, 1994).

O autor defende a hipótese de que a realização desses atos só é possível devido à aquisição das regras. Semelhantemente ao seu antecessor britânico, o americano apresenta os atos como unidades mínimas da comunicação proferidas debaixo de algumas condições (Searle, 1994).

Searle afirma que ao falar produzimos diferentes tipos de atos de fala emitidos de forma simultânea, mas independentes por apresentarem identidades distintas. A essa distinção ele dá o nome de gênero e fragmenta em três categorias: atos de emissão, proposicionais e ilocucionários. Explanaremos de forma sucinta acerca de cada um deles.

Os atos de emissão são caracterizados em, simplesmente, proferir palavras em uma sequência. Os atos proposicionais ocorrem quando referenciamos e predicamos algo. Em contrapartida, os atos proposicionais e ilocucionários são produzidos debaixo de um contexto, intenções e algumas condições (Searle, 1994).

Tendo em vista que o autor americano dedicou seus estudos aos atos de fala, ele manifestou a importância de focar nos atos ilocucionários de maneira significativa. Vimos que Austin apresentou os atos ilocucionários com uma certa força. Torre Medina (2024) menciona que essa força surge e se apresenta nos enunciados a partir das intencionalidades, dos aspectos mentais, comportamentais, interativos e outros meios apresentados por seu antecessor.

Dando uma nova roupagem aos estudos de Austin (1982), Searle (1994) classificou as produções em cinco categorias básicas que são: os atos assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos.

Como já abordado, o nosso estudo está voltado aos aspectos sociais da pragmática. Por essa razão, apresentaremos os conceitos de cada um dos atos, porém, enfatizaremos suas contribuições sociais para melhor andamento da presente investigação, como veremos na sequência.

Os **atos assertivos** referem-se a enunciados que afirmam ou negam sobre o que se fala, ou seja, o enunciador se compromete com a veracidade – ou não – do que se é enunciado (Silva Júnior, 2021). Esse ato pode ser exemplificado no

enunciado “Cusco é uma cidade turística”, tal ato é assertivo pois expressa uma suposição do emissor.

Ao observar a oração dada, percebe-se que se trata de uma sentença assertiva já que o enunciador realiza uma descrição do estado da cidade peruana em relação ao turismo. Caso a afirmação proceda, ela é verdade, se não, é considerada falsa.

Os **atos diretivos** são aqueles que o falante tenta influenciar o comportamento do interlocutor, buscando que realize algo; dito de outra forma, procura induzir o leitor a fazer algo (Silva Júnior, 2021). Geralmente, são usados verbos como ordenar, pedir e proibir, por exemplo.

Lopes (2018) acrescenta que a resposta a esse ato pode ser obtida de forma verbal e não verbal. Os verbos mencionados acima são de natureza não verbal, já que a resposta/ação não depende de palavras; são os casos de movimentos horizontais com a cabeça para negar algo, por exemplo. Já quando o ato é redigido por perguntas ou convites, exige uma reação verbal.

Os **atos compromissivos** são proferidos quando o enunciador se compromete com uma ação futura (Silva Júnior, 2021). Esse ato envolve verbos como prometer, jurar, oferecer e garantir.

No enunciado “Falarei na próxima seção sobre os aspectos da sociopragmática”, o enunciador está fazendo uma garantia ou uma promessa ainda que não utilize de verbos performativos, portanto, se comprometendo a realizá-la.

Os **atos expressivos** sucedem à expressão de estados psicológicos do falante em relação a uma situação; de forma mais clara, expressam o estado de ânimo do falante em relação a algo (Silva Júnior, 2021). Esses atos são proferidos mediante os verbos parabenizar, agradecer, lamentar e perdoar.

Tomemos como exemplo o enunciado “Sinto muito pelo ocorrido com sua empresa”. Diante de um acontecimento onde há um contexto de falência, o enunciador expressa seu estado psicológico, ou melhor, seu sentimento de tristeza em razão da adversidade enfrentada pelo outro.

Por último, os **atos declarativos** que ocorrem quando há uma alteração da realidade por meio da enunciação; dito de outro modo, quando há a mudança do contexto a partir do momento de um enunciado proferido sob alguma autoridade (Silva Júnior, 2021). Os verbos utilizados para tal ação geralmente são nomear, batizar, demitir e declarar.

A fim de ilustrar, observemos a sentença “Declaro inaugurado este novo templo”. Nesse caso, a alteração se deu no funcionamento de uma nova instituição. O templo que não estava em funcionamento passou a estar ou teve suas atividades alteradas para outro fim.

Mediante a todos os conceitos explanados, pode-se dizer que os atos de fala apresentam poder de influência e moldagem na sociedade. É bem verdade que a linguagem não é apenas um veículo de transmitir informação, mas é uma ferramenta vital que interfere nas mais variadas esferas sociais. Por meio da produção dos atos regulamos as regras e estatutos que regem o comportamento coletivo e individual, assim como construímos a identidade e estreitamos relacionamentos, por exemplo. Os atos de fala regem diversos processos comunicativos.

Por meio dos atos de fala e da sociopragmática, podemos obter *insights* valiosos sobre como a linguagem é usada para realizar ações sociais e como essas ações são moldadas por normas culturais e relações interpessoais. Em virtude disso, na próxima seção, veremos como os fatores sociais, como status, hierarquia, e identidade, influenciam a produção e interpretação dos atos de fala.

### **2.3 A sociopragmática e as relações de poder: uma breve introdução**

Como a própria nomenclatura denomina, a sociopragmática corresponde aos estudos pragmáticos com seu enfoque nos fenômenos sociais, ou seja, a subárea explora a linguagem como uma ferramenta complexa moldada por fatores sociais, culturais e contextuais. Briz (2012) difere a pragmática da sociopragmática ao dizer que os estudos da pragmática são mais linguísticos, enquanto que os da sociopragmática são mais sociais.

Esse campo procura entender como as relações interpessoais, as normas sociais e as variáveis influenciam o uso da linguagem em diversas situações comunicativas. Porcellato (2021, p. 96), afirma esse conceito ao dizer que a subárea corresponde à dimensão do “conhecimento de uma variedade de convenções linguísticas e sociais para produzir ações pragmáticas”. Portanto, explora como as variáveis de estratégias linguísticas que são usadas para persuadir, negociar e estabelecer as relações sociais entre os participantes da comunicação. Tendo isso em vista, é perceptível que a subárea está voltada mais para os indivíduos.

Um aspecto fundamental da sociopragmática é a análise dos atos de fala, desde os atos compromissivos até os declarativos, ela analisa em termos de sua realização, interpretação e impacto social. Em síntese, ela destaca a dinâmica e a riqueza da linguagem no contexto social. Por essa razão, analisaremos como as convenções sociais influenciam na comunicação dos personagens.

Essas convenções ou normas sociais moldam a comunicação, em contrapartida, existem crenças que geram estereótipos que influenciam a comunicação e as expectativas sociopragmáticas. Eles podem ser baseados em características como gênero, raça, idade, nacionalidade, entre outros. Estereótipos podem afetar a comunicação de várias maneiras, como a interpretação de intenções ou as expectativas que criamos em relação ao comportamento do outro, por exemplo.

Levando em consideração as relações de poder que existem em cada sociedade, as convenções podem gerar um conjunto de práticas de exclusão executadas pelo grupo com maior poder. O caso do Peru, zona analisada nesta investigação, é marcado por desigualdades e exclusões que afetam diretamente grupos de menor poder.

Para Foucault (1999), poder é sinônimo de luta e confronto. Em sua concepção, o poder se manifesta em práticas heterogêneas que estão sempre sujeitas a transformações e se efetiva nas relações de todos os níveis, pois sempre há resistência (Foucault, 2005). O enunciado supracitado se relaciona ao nosso *corpus*, quando a trama mostra a luta da protagonista, uma mulher branca, lutando pela qualidade de vida de grupos não valorizados ao tentar proibir a construção do hotel em uma zona de comércio livre e cultural.

Entretanto, ainda que o filme mostre uma certa resistência, ela é representada por uma pessoa branca e individualista, que porta o poder por sua cor e status econômico, ou seja, é moralmente aceita em todos os aspectos. Ainda que ela esteja dentro do problema, o filme deixa implícito que o grupo que não detém poder precisa de alguém ligado a esse mecanismo para gerar resistência e voz, quando isso não é necessário.

A história das minorias no Peru está profundamente ligada ao seu passado colonial, seu reconhecimento como nação e às transformações sociais ao longo dos séculos. Os povos indígenas, descendentes das grandes civilizações pré-colombianas foram severamente impactados pela colonização espanhola com a

exploração, exposição e imposição de uma nova ordem cultural e social, assim como os afrodescendentes, que chegaram ao Peru durante o período colonial como escravizados.

Embora o filme celebre a cultura e as belezas naturais do Peru, ele não explora detidamente as dinâmicas das minorias sociais do país. Isso pode ser visto como uma oportunidade perdida de trazer maior visibilidade às questões enfrentadas por essas comunidades no contexto atual.

Espinosa *et al.* (2007) dizem que a construção de estereótipos e preconceitos é vinculado aos processos de categorização, comparação e identificação social. Os referidos autores identificaram dois grupos, sendo um de categoria privilegiada e o outro não. O primeiro corresponde à valorização de grupos associados a contextos urbanos e de maior acesso ao poder, enquanto que o segundo está relacionado a grupos de contextos rurais ou de zonas urbanas marginalizadas.

Pessoas brancas, descendentes da Ásia e mestiços fazem parte do primeiro grupo, enquanto que o segundo grupo seria representado por peruanos andinos, amazônicos e afro peruanos. Quase metade da população do Peru é composta por mestiços ou ameríndios e uma pequena parcela da população é composta por negros e asiáticos (Espinosa *et al.*, 2007).

Ancorados nesse panorama, o filme *Hasta que nos volvamos a encontrar* apresenta os personagens com a intencionalidade de representação de um padrão estético o tornando comercial, pois é um filme que desperta o desejo ao turismo.

Nesse sentido, para concluir esse capítulo, valemo-nos dessa breve reflexão acerca dos aportes da pesquisa sociopragmática, vimos o apanhado teórico da pragmática, assim como suas principais teorias e teóricos, os atos de fala de Austin e Searle. Em continuidade, no próximo capítulo, como forma de continuar com a investigação, apresentaremos os fenômenos estudados pela pragmática que rodeiam o “eu”, como, por exemplo, a dêixis, a atenuação e a cortesia.

### 3 DÊIXIS

A deiticidade é externa, portanto, é percebida quando a enunciação é engatilhada para demarcar o referente e não os significados (Rocha; Silva, 2020, p. 4).

À primeira vista, parece uma tarefa custosa tracejar o caminho em que a dêixis e a cortesia se encontrem. Entretanto, abordamos os estudos da linguagem como um todo. Com isso em mente, a pragmática é o ponto chave que faz esse trajeto possível.

A dêixis é um fenômeno observado pela pragmática e na linguística que se refere às palavras e expressões cujo significado depende do contexto em que são usadas. Cifuentes (1989) afirma que quando uma oração é composta por dêiticos, a maneira de interpretar a referência depende do contexto, já que existem vários significados para uma palavra como contextos para seu uso. Então, a melhor forma de se compreender uma oração é reconhecendo seu contexto.

A dêixis é essencial para lograr uma comunicação eficaz, pois permite que os falantes se situem no tempo, no espaço e em relação às outras pessoas. Basicamente, Blancafort e Valls (2008) dizem que seu significado depende do que, de quem fala, a quem, quando e onde.

Dessa forma, ela contribui para a clareza e a coesão do discurso, permitindo que os interlocutores entendam a referência contextual de termos específicos que se encontram em várias categorias como pronomes, advérbios de tempo e lugar e demonstrativos, por exemplo (Blancafort; Valls, 2007).

A interpretação correta da dêixis pode ser desafiadora, principalmente em contextos interculturais ou em traduções, mas faz parte da sua identidade criar terreno comum entre culturas. Como já mencionado, a dêixis depende fortemente do contexto, e a falta de compreensão desse contexto pode levar a mal-entendidos. Por exemplo, o uso de pronomes pode variar amplamente entre culturas, e termos espaciais podem ter significados diferentes dependendo da localização geográfica e das práticas culturais.

De modo simples, Rocha e Silva (2020) apresentam a principal função da dêixis como de apontar e mostrar conforme as coordenadas de pessoa, tempo e lugar, ou seja, quando inscrita em uma situação comunicativa aponta para elementos do

contexto. Além disso, ela é percebida quando utilizada para marcar o referente e não os significados.

De acordo com as informações supracitadas, Blancafort e Valls (2007) as subdividem em cinco tipos clássicos, sendo eles: a dêixis de pessoa, de espaço, de tempo, social e textual. Explicamos de forma sucinta cada uma conforme os estudos das referidas autoras.

A **dêixis pessoal** indica as pessoas do discurso, tanto as que estão presentes no momento como as ausentes, portanto, são flexíveis e estão sujeitas a mudanças. Em espanhol, participam os pronomes pessoais e possessivos e, ainda, os morfemas verbais.

Dentro desse sistema, Blancafort e Valls (2007) menciona a **dêixis social** que além de indicar as pessoas do discurso ou quem se menciona, permite caracterizar-se de forma sociocultural, ou seja, elas mostram a identidade da pessoa e a relação compartilhada dentro da interação por meio, também, dos pronomes pessoais, honoríficos e apelativos. Por exemplo, por conta do uso do tu na frase “¿tú vas a la fiesta, Ana?”, indica uma relação próxima.

Já a **dêixis espacial** organiza o lugar em que a troca comunicativa acontece. De modo mais claro, ela se refere à localização no espaço em relação com o falante e o ouvinte no ato da comunicação. Utiliza palavras e expressões que indicam lugares, posições e direções; além disso, sua interpretação depende do contexto físico em que se encontram os interlocutores. Ademais da função de indicar o espaço físico territorial, Blancafort e Valls (2007) dizem que a dêixis espacial tem sentido metafórico, ou seja, marca a imagem e a distância social entre os participantes da comunicação como, por exemplo, em frases do tipo “não se meta onde não foi chamado”.

Por outro lado, a **dêixis temporal** também marca a localização, entretanto em relação ao tempo e seu significado depende do tempo em que se enunciam. Como exemplo, Blancafort e Valls (2007) apresentam a palavra “agora” que seu significado varia no momento de, pois pode significar “esse segundo” ou “século XXI”. Esse tipo de dêixis organiza o evento estabelecendo cronologia e sequência dos fatos.

A **dêixis textual** ou discursiva é conhecida por sua função de ordenar o texto por meio do uso de expressões que ajudam ao escritor a estruturar as informações e ao leitor a compreender o que está sendo dito. Blancafort e Valls (2007) dizem que o sentido da dêixis textual é metafórica, pois o texto não é construído no momento da

enunciação. As expressões utilizadas para organizar o texto são conhecidas pela gramática como “marcadores discursivos”, alguns exemplos são: “em primeiro lugar”, “ao mesmo tempo”, “entretanto” e “por último”.

De modo geral, a dêixis é uma ferramenta linguística poderosa que nos permite situar nossos enunciados no tempo, no espaço e em relação aos nossos interlocutores. Compreender a dêixis é crucial para a análise linguística, a tradução e a comunicação intercultural. Ao reconhecer e interpretar corretamente os dêiticos, podemos melhorar nossa comunicação e evitar mal-entendidos, garantindo que nossas intenções sejam transmitidas de maneira clara e precisa.

Dito isso, veremos na próxima seção algumas facetas do funcionamento do dêitico representado pelo pronome pessoal de primeira pessoa, elemento chave da análise da nossa investigação.

### **3.1 O uso do *yo* e seu comportamento**

Inicialmente, é importante mencionar que a dêixis é estudada dentro do quadro dos processos referenciais, em comparação à introdução referencial e as anáforas, mas não traremos essa discussão, haja vista que a linha traçada para essa seção é explanar critérios definitórios do fenômeno e não sua relação com outros processos de referenciação.

Benveniste (1976), um dos renomados estudiosos da linguística e dos estudos da dêixis, trouxe contribuições significativas ao contexto da linguagem e da comunicação, destacando sua importância na construção do discurso e na interação entre os interlocutores.

Dentre alguns apontamentos que ele faz sobre o fenômeno, cabe ressaltar, para essa seção, a noção de pessoa em oposição a não pessoa. A pessoa é todo aquele que tem fala, em contrapartida, a não pessoa é aquele que está sendo mencionado que não tem voz no ato comunicativo. De outro modo, comparando com termos referenciais, o “eu” e o “tu” são pessoas que interagem entre si e estão relacionados à dêixis, e a terceira pessoa, a não pessoa, é relacionada com anáfora. Benveniste (1976) defende a tese de que os dêiticos são as formas da língua, entretanto, com o avanço dos estudos, podem ser vistas não somente por essas formas.

Essa noção de pessoa carrega consigo o fato de serem intercambiáveis, ou seja, os pronomes pessoais não têm significado fixo fora da situação de enunciação, sendo definidos unicamente pela posição que ocupam no ato comunicativo. O “eu” não constitui uma classe de referência pois cada “eu” apresenta referência própria e a cada ocasião equivale a um ser único (Benveniste, 1976). Nesse jogo, há uma troca de pessoa entre falante e ouvinte, ou locutor e interlocutor.

Essa troca comunicativa revela o caráter da intersubjetividade. Primeiramente, a intersubjetividade está presente no “eu” que se coloca em relação ao “tu” e que é o ponto de origem de todas as coordenadas, ou seja, o “eu” é sempre o *origo* da situação comunicativa, isso quer dizer que o campo dêitico será construído de acordo com o ponto de vista do locutor, ele é o ponto de referência. Por essa razão, a dêixis é vista por seu caráter egocêntrico, pois se dá a partir do ‘ego’, o “eu”. É somente por oposição ao “eu” que o “tu” existe (Benveniste, 1976).

Segundamente, o fenômeno também é subjetivo, pois é justamente pelo fato do “eu” ser central que todas as outras coordenadas se darão. Em contrapartida, Vicente Mateu (1994) distingue dois conceitos: o egocentrismo e a subjetividade. No egocentrismo, o “eu” coordena o enunciado de maneira centrípeta orientando as demais expressões do enunciado para o centro do pronome, a forma. Por outro lado, na subjetividade, as expressões funcionam com a interferência do falante, o ponto de vista. Dito de outra forma, o foco passa a ser as expressões do enunciado e não a forma linguística.

Ancorados nessa subjetividade, sabemos que embora os participantes do ato comunicativo falem a mesma língua e sejam nativos, eles apresentam traços linguísticos diferentes, pois possuem vivências e visões de mundo distintas, e esses traços tendem a ser mais visualizados enquanto participantes de comunidades de fala distintas. Nessa situação, alguns estudos, sobretudo os de cortesia, mostram que quando se trata do uso do pronome de primeira pessoa do singular a interpretação pode variar. Benveniste (1976) diz que a linguagem disponibiliza formas vazias e cada locutor se apropria e referencia a sua própria “pessoa”.

Segundo os estudos etimológicos das línguas românicas, o termo “eu” origina-se da palavra “ego”. Com relevância ao egocentrismo, a expressão é frequentemente percebida como grosseira, caracterizando alguém que se coloca em primeiro plano. De acordo com Benveniste (1976), isso ocorre porque o uso de pronomes pessoais

indica subjetividade na língua, sendo o “eu” sua máxima expressão, além disso, ele afirma que “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (Benveniste, 1976, p. 288). Nesse sentido, Serrano (2014) reforça essa ideia, afirmando que a referência à própria pessoa enfatiza a representação do ego e da subjetivização.

O egocentrismo ocorre quando o indivíduo se coloca no centro de toda experiência, da cena, em termos linguísticos; em termos sociais, essa mesma característica faz com que os indivíduos pareçam rude e acabam esfriando os laços com os outros. Segundo Jean-Paul Sartre (2003), o ego faz parte de todos os nossos estados de consciência e possui atividade própria, ou seja, o “eu” é quem produz seu próprio interior. Assim, é na consciência que abrigamos todas as nossas crenças e intenções. Esses fatores são revelados na natureza dêitica do pronome.

Com o avanço nos estudos da língua de maneira geral, a dêixis e sua relação com a subjetividade e egocentrismo abriram caminho para os estudos de perspectiva pragmática como um todo. A partir desse leque expandido, partimos do pressuposto que a cortesia é a ponte que permite o acesso direto à investigação conjunta dos fenômenos de uso e omissão do dêitico “eu”. Em virtude disso, na seção seguinte, exploramos como os autores Benveniste (1976), Cantero (1976), Serrano (2014) e González (1994) abordam o tema.

### **3.2 O uso e a omissão**

Diante de todo conteúdo até aqui explanado acerca dos fatores que englobam o “eu”, mais vale apresentarmos algumas considerações acerca do seu uso e sua omissão. De acordo com Alemán e Rodríguez (2001), é no modo de falar que se exprime uma série de indícios acerca da nossa identidade, pois os usos linguísticos transmitem as divergências e desigualdades socioculturais. Em virtude disso, o uso do pronome “eu” na sociedade reflete não apenas aspectos linguísticos, mas também culturais e sociais. Por essa razão, a frequência e a maneira como usamos podem variar dependendo do contexto sociocultural.

Concomitante a isso, Benveniste (1976) diz que a maioria das sociedades ocidentais são adeptas das línguas *pro drop*, ou seja, esse tipo de idioma permite a omissão dos pronomes deliberadamente, contudo, o referido autor justifica essa

omissão por questão de polidez. Em virtude disso, os indivíduos tendem a fazer o uso de perífrases ou outras formas que evitem o uso do pronome.

No entanto, sob o prisma de uma visão mais linguística, ou melhor, voltada para o sistema da língua, Neide González (1994) contrasta o português e o espanhol em sua tese no que diz respeito ao uso e a omissão do sujeito pronominal. A referida autora afirma a assimetria entre os idiomas ao dizer que o português brasileiro é uma língua predominantemente de sujeito pleno, enquanto a língua espanhola é claramente uma língua de sujeitos pronominais nulos e complementos clíticos.

Sintaticamente, Cantero (1976) explana duas funções do “eu” em língua espanhola. A primeira seria o fato de que sua expressão é inessária já que se trata de uma língua *pro drop* e os sentidos não são alterados com a omissão, ou seja, sujeito nulo; por outro lado, a segunda é que de alguma forma essa omissão altere o sentido da mensagem.

Serrano (2014) diz que o uso de qualquer pronome vem determinado pela experiência do falante em relação ao meio em que está inserido e as necessidades comunicativas da interação. O “eu” não designa nenhuma entidade lexical, ou seja, ele se refere ao ato de discurso individual quando pronunciado, e lhe atribui o locutor. Sendo assim, podemos dizer que sua referência é constantemente atualizada e seu sentido altera de acordo com quem fala.

Fundamentos nessa probabilidade de que a omissão altere o sentido dos enunciados por influência dos fatores socioculturais, nos valeremos de alguns recursos da cortesia, como a atenuação, por exemplo, para analisarmos quais fatores colaboram com a mudança dessas mensagens quando o sujeito pronominal é omitido e quando é verbalizado.

### **3.3 Cortesia e Atenuação**

Nesta seção, apresentamos alguns elementos centrais para o estabelecimento do quadro teórico em que se encontra alicerçado este estudo, abordamos, primeiro, o conceito de atenuação, funções ou estratégias e recursos linguísticos; sucessivamente, discutimos sobre cortesia e os elementos que a rodeiam.

Para este trabalho utilizamos o termo cortesia, tendo em vista que a pesquisa busca coletar os dados em um filme imerso pela língua espanhola. Contudo, esse

termo é conhecido no Brasil como polidez. Eles são vocábulos semelhantes, portanto, sinônimos. Nessa feita, os vocábulos podem ser facilmente encontrados na pesquisa como similares.

A atenuação se concentra em suavizar o impacto de uma mensagem específica; a cortesia abrange um conjunto mais amplo de comportamentos e expressões que visam promover um ambiente de respeito e consideração mútua na interação social.

A seguir, dissertamos sobre os conceitos basilares que regem esses fenômenos.

### 3.3.1 Cortesia: contribuições pragmatolinguísticas e socioculturais

A fim de manter uma boa relação interpessoal e social, as pessoas utilizam de um elemento crucial da comunicação: a cortesia. Briz (2005) diz que se trata de um fenômeno de aproximação ou afastamento em busca de equilíbrio social, ou seja, com o objetivo de estreitar laços ou afrouxá-los, os indivíduos usam de algumas estratégias da cortesia para estabelecer relacionamentos e ter êxito na comunicação.

Além disso, pode-se dizer que a cortesia é uma expressão de respeito, consideração e gentileza em relação aos outros, refletindo valores culturais e normas sociais. Escandell Vidal (1996), com uma visão mais cognitiva e pragmática, sinaliza que a cortesia nada mais é do que uma estratégia para manter as relações harmoniosas. Em sua essência, ela demonstra atenção às necessidades, sentimentos e dignidade dos outros, buscando promover relações harmônicas e construtivas.

Suas formas são variáveis e dependem dos fatores culturais e sociais. Bravo (2004), com seus estudos mais voltados para os costumes do falante, afirma que a codificação da interação face a face inclui os recursos não verbais. Dessa forma, pode-se dizer que a cortesia pode se manifestar por meio de gestos, palavras e comportamentos que reconhecem o valor e a importância dos indivíduos com quem interagimos.

Diante disso, pode-se dizer que há duas possibilidades de manifestação da cortesia verbal: uma como forma de rito social, ou seja, está associada a uma norma de conduta, como 'oi' e 'obrigado'; a outra diz respeito a uma intencionalidade, quando

dizemos algo com a finalidade de agradecer, valorizar ou atenuar para evitar ameaças de imagem.

Atentando ao fato de que a humanidade utiliza desses tipos de manifestação, é indiscutível que em todas as comunidades existem regras de comportamento que regem a dinâmica interpessoal e social dos indivíduos que a compõe, revelando seu caráter universal. Haverkate (1994) diz que ainda que a cortesia sugira uma forma de comportamento geral entre os povos, é bem verdade que existem normas distintas em cada cultura específica. Então, pode-se dizer que, às vezes, o que é cortês em um determinado lugar pode não ser em outro. Além disso, dizer isso implica que a cortesia também dá conta de um caráter particular, definindo a identidade da comunidade e a individual do falante.

Levando em conta a formação da identidade, Diana Bravo (2002) fala sobre a necessidade do falante em defender sua face (imagem social) nas interações para não provocar algum efeito indesejado. De modo sucinto, Gomes (2013) diz que a face nada mais é do que o “eu” que constrói sua autoimagem por meio de sua conduta enquanto membro da sociedade, ou seja, o “eu” preserva sua imagem defendendo uma identidade aprovada pela comunidade em que faz parte.

Sob a perspectiva pragmalinguística, autores clássicos como Brown e Levinson (1987) estabeleceram em seus estudos sobre a teoria da cortesia dois aspectos que caracterizam a imagem social: positiva e negativa. É por meio dessas duas formas que apresentamos nossa face aos demais. A continuação, vejamos como os autores Haverkate (1994) e Bravo (2002) trazem luz ao tema para melhor compreensão.

A primeira, de acordo com Haverkate (1994), diz respeito à imagem que o indivíduo tem de si mesmo e o desejo de que sua face seja reconhecida pelos demais. Bravo (2002) complementa esse conceito ao dizer que a face positiva apresenta o desejo de que os demais também compartilhem e aprovelem suas ações.

Em contrapartida, a segunda é caracterizada por Haverkate (1994) como o desejo dos indivíduos de não ter seus desejos interrompidos pelos outros. Bravo (2002) destaca a necessidade da liberdade e direito de privacidade. As necessidades da face correspondem ao caráter universal da cortesia.

Divergentemente, Bravo (2002) deixa clara sua oposição aos conceitos expostos por Brown e Levinson (1978) no que tange à sua universalidade. A autora defende que quando se trata de línguas não anglófonas os conceitos estabelecidos

de face negativa e positiva dão lugar ao que ela chama de Ego e Alter, respectivamente. O ego é definido como a necessidade de autonomia que o torna diferente dos demais, já o segundo diz respeito à afiliação, ou seja, faz o falante se identificar com o grupo. Concluindo, não há um ponto de partida para estabelecer o que é negativo e positivo na imagem social, para alguns determinada característica pode ser de caráter negativo, por exemplo, e para outras não.

A teoria dos atos de fala, elaborada por Austin, tem um papel fundamental na teoria da cortesia verbal. Com os atos de fala descrevemos nossas intenções ao proferir uma sentença. Briz (2005) diz que o sucesso da comunicação está na realização desses atos em conjunto com os indivíduos, portanto, há uma interação entre atividade linguística e social.

Brown e Levinson (1987) apresentaram a cortesia fragmentada em alguns pontos. Vejamos:

- atos que ameaçam a imagem negativa de quem os realiza: ofertas, promessas, compromissos, uma vez que limitam a liberdade de fazer ou não fazer algo;
- - atos que ameaçam a imagem positiva de quem os pratica: confissão, autocrítica, pois são autodegradantes e colocam em risco a própria imagem social;
- - atos que ameaçam a imagem negativa do outro: atos exortativos ou diretivos, porque invadem o seu espaço e restringem a sua liberdade de fazer ou não fazer algo;
- - atos que ameaçam a imagem positiva do outro: insultos, ridicularizações, censuras, refutações, pois todos atacam o seu desejo de ser valorizado e reconhecido pelos outros.

Haverkate (1994) menciona a personalidade do ser humano como algo sagrado e que a todo instante preservamos a nossa face e a do outro com o único objetivo de evitar ameaças. A partir dessa ideia, surge inúmeras estratégias para atenuar os efeitos negativos nos atos (positivos e negativos) que ameacem a imagem do interlocutor. Contudo, veremos isso na próxima seção. Essas estratégias supramencionadas são abordadas por Bravo (2002) como algo variável já que transladam entre as culturas, variando a depender do estilo da comunicação e contexto.

Elencada na teoria de Brown e Levinson (1987), Bravo (2002) explana que essa variação ocorre por conta de alguns fatores existentes na sociedade: poder relativo, distância social e grau de imposição. O primeiro diz respeito à posição social que os indivíduos ocupam; a segunda se relaciona ao nível de familiaridade entre os interlocutores; o terceiro está relacionado ao ato respeitoso quanto à imagem social (Bravo, 2002). O nível de cortesia a ser utilizado é dependente desses elementos.

O cerne da questão é que as diferenças culturais podem ser encontradas pela preferência das culturas por alguma das atividades; dito de outra forma, alguns grupos apresentam mais o uso da face negativa do que outros e vice versa. Veremos no próximo tópico como a imagem social funciona nas regiões das comunidades de fala elegidas para nossa análise da pesquisa para entender as semelhanças e variações do comportamento comunicativo desses grupos culturais.

### 3.3.2 A imagem social espanhola e peruana

A variabilidade e a heterogeneidade da língua podem ser notadas por meio dos usos linguísticos. Ao falar, o indivíduo revela sua identidade linguística, ou seja, por meio de sua fala é possível reconhecer alguns indícios que desvendam sua origem, sua cultura e posição social. Concomitantemente, o indivíduo dota seus enunciados de intencionalidades a fim de cumprir requisitos sociais para preservar sua imagem e viver em harmonia com sua comunidade.

Ao falar sobre essas intencionalidades, Diana Bravo (2002) destaca algumas dessas convenções sociais que explicam o comportamento comunicativo da sociedade espanhola, mas sem definir uma comunidade de fala. Vejamos.

Em primeiro lugar, é bem visto na Espanha ser original, ou melhor, saber e demonstrar suas próprias qualidades. Para os espanhóis, explicar o que têm de bom é reflexo de autonomia. Do mesmo modo, quando elogiados, é de responsabilidade deles reafirmar essas qualidades. Dessa forma, entende-se que se o indivíduo não se posiciona em relação a si mesmo é porque se sente comprometido, fazendo com que gere o desencorajamento nas relações interpessoais (Bravo, 2002).

Em segundo lugar, a controvérsia é que essa autonomia também está relacionada à noção de orgulho, em que o ego precisa falar mais alto, porque,

geralmente, essas qualidades são reafirmadas em situações que exigem comportamentos defensivos e de afastamento entre os interlocutores (Bravo, 2002).

Bravo (2002) também destaca que essa noção de orgulho aparece no comportamento defensivo quando expressões de honra são proferidas. Elas são utilizadas para defender o meio do qual o indivíduo faz parte, como comunidades religiosas e governamentais, por exemplo.

Por existir toda essa atenção voltada dessa maneira para a autonomia, é presente na cultura espanhola uma boa dose de tolerância para expressões de opiniões e ideais. Ao mesmo tempo que acontece um conflito de pensamentos, há um intercâmbio comunicativo produtivo, exigindo, assim, funções cognitivas e sociais (Bravo, 2002). A referida autora ainda reafirma que é essa premissa a responsável por estabelecer graus de confiança entre os indivíduos, pois eles falam o que acham sem medo e com respeito mútuo.

Em síntese, os espanhóis manifestam a face sendo autônomos ao ressaltar sua própria originalidade, não exigindo seus direitos de não sofrer imposições à sua liberdade de ação ou à sua privacidade. Dentro dos estudos de Brown e Levinson (1987) a necessidade individual de autonomia faz parte da face negativa, mas do ponto de vista social é considerada positiva já que sua consequência é lograr identificação com o grupo.

Por outro lado, em decorrer dos estudos dessa área da pragmática, alguns estudiosos se dedicaram na observação da cortesia na América hispânica. Kaul de Marlangeon (2017) aponta que a cultura hispano falante é de afiliação ou aproximação, isto é, nela há uma tendência a uma menor sensibilidade na questão das ameaças de imagem, menor uso da atenuação ou minimização da força ilocutória dos atos, maior uso da cortesia valorizadora e maior compromisso afetivo, ou seja, tendência a construir vínculos uns com os outros.

García e Placencia (2011) ao longo da carreira, pesquisam sobre a questão da cortesia no Peru, mais precisamente, as autoras contrastam as estratégias utilizadas pelo peruano com os venezuelanos. Diante do levantamento de informações contrastivas entre as regiões, as estratégias peruanas enfatizadas são: a minimização do uso das estratégias fazendo com que sejam mais diretos nos conflitos e repreensão, não dando lugar algum a negociações ou a abrir mão de sua autoridade, ou seja, eles apresentam seus feitos, afirmam sua autoridade e rejeitam acusações.

Além disso, os peruanos usam mais agravadores, preferindo ameaçar a imagem do outro do que a própria, ou seja, preferem proteger sua imagem positiva ou de afiliação. As referidas autoras apontam que eles insistem em ser agradáveis e respeitosos todo o tempo, mas em nenhum momento hesitam em limitar as ações do outro e nem a própria. Essa natureza autônoma revela sua semelhança com o espanhol peninsular.

Em contrapartida, um estudo realizado por Cornejo (2022) sobre cortesia com estudantes do 1º e 5º ano de uma escola, mostra a preferência pelo uso de estratégias indiretas para demonstrar respeito em situações de recusa. A referida autora justifica essa escolha pela influência da cultura andina, ou seja, não ser direto e preservar a aprovação social e a harmonia nos relacionamentos faz parte dessa comunidade de fala.

Já em relação às estratégias diretas, os alunos do 5º se mostraram mais flexíveis no uso, pois, pela experiência de vida, entendem que nem tudo é aprovação social. Ainda assim, a autora defende que se alguém quer manter uma boa comunicação com alguém pertencente à comunidade andina:

Deve empregar estratégias de cortesia em suas intervenções linguísticas, desse modo, evitará as consequências de afetar a imagem do interlocutor, consequências como criar distância social, ofender ao interlocutor, criar confusões etc. (Cornejo, 2022, p. 77, tradução nossa)<sup>1</sup>

Com esses pontos bem definidos, é importante destacá-los sucintamente mais uma vez. Enquanto os espanhóis tendem a um maior afastamento, os peruanos prezam pelo desejo de estabelecer um relacionamento aproximado, ainda que por questões culturais e em situações de poder, eles sejam diretos, breves e fechados para negociações, assemelhando-se aos espanhóis. Contudo, quando se dirigem a alguém de poder, se assemelham aos demais hispanos, agindo com respeito em virtude da posição do outro.

---

<sup>1</sup> debe emplear estrategias de cortesía en sus intervenciones lingüísticas, de este modo, uno evitará las consecuencias de afectar la imagen del interlocutor, consecuencias como crear distancia social, ofender al interlocutor, crear confusiones etc (Cornejo, 2022, p. 77).

### 3.3.3 Contribuições sobre a atenuação

A atividade social, para ter êxito, depende das normas que regem a harmonia social, a cortesia. Contudo, para a minimização dos possíveis conflitos e proteção das faces, utilizamos a atenuação para mitigar os enunciados e sua forma ilocutiva. Briz (2012) classifica a cortesia como atividade social de aproximação, em contrapartida, a atenuação como uma estratégia de cortesia para lograr esse acercamento, afinal, a cortesia passeia na comunicação a serviço do bom desempenho das relações interpessoais.

Briz (2005) a menciona como uma mão de via dupla, já que ao mesmo que tem o objetivo de provocar o distanciamento linguístico, promove a aproximação social. Sequente a isso, Briz (2005) classifica três funções para esse mecanismo: autoproteção, prevenção e reparação. Na primeira, o falante protege sua própria imagem; na segunda, protege a face de si e do outro ou do 'eu' e do 'tu'; na terceira, protege a imagem do outro enquanto invade seu território.

Por outro lado, o referido autor lista as estratégias em três pontos: atenuação estritamente pragmática, semântico-pragmática e dialógica. Na primeira há uma minimização do "eu" e do "tu" por meio do uso de verbos performativos e expressões que expressam opinião, também, através de impessoalização do "eu" usando dêiticos de pessoa; na segunda, há uma modificação gramatical e do léxico para atingir uma modificação semântica; na terceira, há uma manifestação de concordância parcial e expressões de desacordo.

Para melhor explicar, a atenuação estritamente pragmática compreende o procedimento de impessoalização, que dá liberdade ao indivíduo de deixar o agente do discurso omissos ou generalizados. A semântico-pragmática complementa a primeira pois retira a responsabilidade do enunciador. Por último, a dialógica se passa quando se mitiga o desacordo (Gomes, 2013).

Briz (2012) também explicita que a atenuação como estratégia vai além da cortesia, pois tem a ver com a atividade linguística e nem sempre com a polidez. Ser atenuado nem sempre significa ser cortês, a cortesia é apenas um impulsionador da atenuação que age em benefício do locutor.

Há algumas situações que favorecem o aparecimento do fenômeno. Gomes (2013) afirma que quanto maior o grau de formalidade do contexto mais frequente a

atenuação aparecerá, pois, as situações formais exigem uma maior preservação de faces. Quando contrário, em ocasiões informais ou coloquiais, esse uso tende a diminuir por conta do grau de familiaridade entre os participantes da comunicação.

Outro ponto exposto por Gomes (2013) é que além da ameaça de face, os mecanismos de atenuação tendem a aparecer quando o território também é ameaçado. Isso ocorre quando os interlocutores apresentam aparente desacordo e metas distintas. Nesse contexto, o uso exagerado de atenuantes leva o locutor ao ridículo.

Com esses pontos bem delimitados, Gomes (2013) ainda menciona a existência de três fatores que influenciam no uso da atenuação, são eles: estruturais, enunciativos e situacionais. Abordaremos sucintamente acerca de cada um, entretanto, com ênfase no último para coerência com o que se propõe nesta investigação.

Destarte, os fatores estruturais, como já explana a própria nomenclatura, diz respeito à posição dos atenuadores no enunciado. Eles podem assumir a posição inicial, intermédia e final, ou, ainda, assumem intervenção completa, ou seja, a atenuação está presente em toda frase. Esse fator também está presente nas tipologias textuais, como, por exemplo, o texto argumentativo, narrativo e descritivo (Gomes, 2013).

Os fatores enunciativos estão relacionados com a intencionalidade de provocar algo na língua; dito de outro modo, são as ações expressadas nos atos de fala, como pedidos, conselhos e insultos, por exemplo (Gomes, 2013).

Por último, explanaremos os fatores situacionais ou contextuais. Esses fatores estão interligados aos elementos do contexto da situação do momento interacional. Em especial, há de se considerar alguns pontos: temática desenvolvida, finalidade da interação, ambiente, saber compartilhado e relação social entre os participantes da interação como origem geográfica, registro ou relação de igualdade ou hierarquizada, por exemplo (Gomes, 2013).

Para concluir, Gomes (2013, p. 20) deixa claro que a “atenuação, como categoria pragmática, afeta e modifica o ato de fala”. Mas a sua identificação exige os elementos situacionais do contexto comunicativo; dito isso, entende-se que está além do ato de fala.

Levando em consideração todo o apanhado teórico até aqui exposto, faz-se necessário adentrarmos no capítulo metodológico. No seguimento, apresentamos a segunda parte do trabalho essencial para que se cumpram os objetivos propostos.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

“Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 91).

Este capítulo foi segmentado em cinco partes. Em primeiro lugar, discorreremos alguns pontos básicos sobre os pressupostos metodológicos da investigação; em segundo, apresentamos a classificação da pesquisa; em terceiro lugar, falamos sobre o gênero do *corpus*; em penúltimo lugar, comentamos de forma inteligível sobre a síntese do *corpus*; e, por fim, delimitamos o procedimento da pesquisa.

### 4.1 Pressupostos metodológicos

Com o intuito de aprofundar os estudos acerca de como a língua movimenta as relações sociais, a pesquisa, cujo título é “O uso e a omissão do *yo*: uma análise sociopragmática do filme *Hasta que nos volvamos a encontrar*”, se interessa pela área da estrutura e do funcionamento da linguagem ao observar um fenômeno linguístico do ponto de vista da teoria conhecida como pragmática por meio de uma língua em uso, no caso, a língua espanhola ou, ainda, o castelhano.

Somado a isso, ao buscar entender como os fatores linguísticos e extralinguísticos motivam os efeitos do uso e da omissão do pronome pessoal de primeira pessoa do singular em língua espanhola, o principal objetivo da pesquisa é de verificar como os elementos sociopragmáticos influenciam nos casos de omissão e uso do *yo*.

A partir disso, a pesquisa direcionou-se a três objetivos específicos: a) selecionar os enunciados que possuem a presença e a ausência do pronome; b) observar quais elementos pragmáticos interferem nos casos do uso e omissão do pronome *yo*; e, c) por último, analisar os enunciados desde a perspectiva da sociopragmática.

Dado ao exposto, pretende-se compreender, de forma geral, a importância das questões culturais e comportamentos dos grupos e indivíduos para a sociedade fundamentada nos parâmetros que englobam a pesquisa em ciências sociais apoiada

no paradigma epistemológico da hermenêutica com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre como os fenômenos interferem nas relações interpessoais.

Tendo isso em vista, para dar conta dos objetivos é necessário conduzir um percurso com método e etapas definidas para uma cobertura adequada desse acontecimento social. Destarte, para o procedimento utilizado no que tange à descrição da metodologia, tomamos como base os parâmetros estabelecidos pelos autores Gurgel (2019), Bauer, Gaskell e Allum (2002), Bastos (2009), Bardin (2016), Moraes (1999) e Severino (2007), que são referentes ao delineamento da pesquisa, ou seja, descreveremos a respeito da abordagem, objetivos, métodos, coleta e análise de dados.

Seguindo essa linha de raciocínio, já é possível seguir a escrita com o exposto acerca de cada etapa do processo de investigação. Por essa razão, trilhar esse caminho é o principal objetivo do próximo tópico.

## **4.2 Classificação da investigação**

No que concerne ao tipo de pesquisa, tomamos como base o que defende os autores anteriormente mencionados. Dessa maneira, convém lembrar acerca dos apontamentos feitos por Gurgel (2019) para o delineamento desse panorama metodológico de investigação.

No que diz respeito à abordagem, a referida autora diz que a pesquisa científica pode ser classificada em qualitativa e quantitativa, entretanto, tendo em vista que a segunda é baseada em dados estatísticos e, de modo geral, em bases numéricas, esta pesquisa é classificada no tipo de abordagem qualitativa, pois refere-se a questões humanas e sociais e, além disso, a coleta tem como base dados não estruturados, nesse caso, enunciados proferidos em um filme.

Para tanto, nos valem da pesquisa qualitativa, tendo em vista que os objetivos propostos necessitam da versatilidade do método qualitativo por conta da análise dos fenômenos pragmáticos que englobam as particularidades influenciadas pelo meio e o contexto comunicativo, para assim identificar estruturas de poder que parecem naturais. Ademais, é comum adotar essa abordagem nas pesquisas inseridas no campo da pragmática, tendo em vista que leva em conta o contexto

comunicativo que permeia a prática linguística e compreendem que a língua e sociedade são elementos indissociáveis.

Em relação ao uso dos atos de fala, nessa análise, levamos em conta, além do contexto comunicativo, a relação entre os personagens, a visão de mundo aderida por eles, suas particularidades e a linguagem utilizada para inferir da melhor forma suas possíveis intenções ao omitir e usar o pronome.

Em relação ao método, levamos em conta o estudo realizado por Bardin (2016) sobre análise de conteúdo que tem o objetivo de direcionar o pesquisador e facilitar a compreensão do trabalho. Além disso, Severino (2007, p. 105) trata esse método como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”, assim como sugere as teorias, por nós, estudadas.

Constitui-se, dito de forma simples, em organizar, codificar e categorizar as informações e materiais coletados para que, assim, o estudo fique mais direto. Sabendo disso, o método analítico adotado foi o de categorização. Essa fase é conceituada por Moraes (1999) de maneira clara e objetiva quando diz que a categorização é um mecanismo de junção de dados que considera a parte comum que existe entre eles. Desse modo, descrever como nos valeremos da metodologia, é o objetivo da próxima seção.

Ainda, o mesmo autor deixa claro que esse tipo de método está na interface da linguística e psicologia social, entretanto, a primeira está relacionada aos aspectos internos da língua. Por outro viés, a análise de conteúdo abrange a fala, portanto, a nossa pesquisa está assim classificada, pois analisaremos a fala e descreveremos os discursos proferidos pelos personagens do filme.

Destarte, de acordo com os objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva, haja vista que mostra detalhes e características sobre um determinado fenômeno (Gurgel, 2019). Isso porque descrevemos os fenômenos que interferem no sentido dos enunciados. Ademais, a pesquisa descritiva busca analisar de forma objetiva e sem alterar a integridade do conteúdo na coleta de dados (Bastos, 2009). Por último e não menos importante, a pesquisa também é explicativa, pois interpretamos o uso e a omissão do *yo* nos atos de fala.

### 4.3 Corpus do estudo

O *corpus* da nossa investigação está constituído pelos enunciados presentes no filme *Hasta que nos volvamos a encontrar*. Julgamos importante mencionar que o principal motivo de escolha para a sua análise foi o uso de linguagem contemporânea marcada por duas comunidades linguísticas distintas.

Na língua é possível identificar um certo comportamento linguístico entre uma comunidade de fala dentro de um sistema variável. Tendo isso em vista, Labov (2008) estabeleceu a língua como pertencente à comunidade por crer que o novo caminho de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (Labov, 2008, p. 259). Comunidade de fala é conceituada por Valcárcel e Salvador (2008) como um conjunto de falantes que partilham das mesmas normas de uma língua e elementos sociolinguísticos.

Concomitante à interação dos elementos linguísticos e extralinguísticos de uma certa comunidade, González (1994) afirma que ainda que as variedades estejam intrinsecamente interligadas, é possível fragmentar os fatores, como os sociais, de geografia e idade, por exemplo, a fim de estudá-los. Dentro dessa perspectiva, Moreno Fernández (2007) organiza as comunidades dos falantes de língua espanhola por meio das regiões geográficas. Com isso em mente, as comunidades que abrange as regiões do Peru e Espanha são classificadas como área andina e área castelhana, portanto, manteremos os termos. Para reafirmar essa classificação, García (2011) diz que o Peru pertence à duas zonas geolinguísticas: a andina e a da costa, contudo, como as cenas se passam com personagens de Cusco que fica na parte dos andes, a região predominante é a andina, como nomeia Moreno Fernández.

Acerca do delineamento do *corpus* nas ciências sociais, Bauer, Gaskell e Allum (2002) afirmam que os pesquisadores inseridos na pesquisa de abordagem qualitativa começam a construção do *corpus* estudando as variedades a partir de um determinado ponto, como tema, estereótipos e comportamentos, por exemplo. Por essa razão que não se obtém uma amostragem com dados considerados suficientes de representatividade. Desse modo, é comum seguir o percurso de selecionar e analisar e, sobretudo, delimitar um material para que a análise seja obtida de um ponto de vista sincrônico.

Para mais, além da série desenvolvida pela Netflix e Tondero Films mostrar a língua em uso, ela demarca o contraste de realidades vividas pelos personagens e, ainda, adentra de forma magnífica na cultura e costumes do povo peruano. O filme teve sua estreia em março de 2022, possui indicação classificativa de 12 anos e tem 1h 36min de duração.

Além disso, a escolha por esse gênero se deu pelo fato de que essa geração e as próximas crescerão e se desenvolverão imersos em um mundo movido pela tecnologia e um universo virtual, dessa forma, é um material repleto de elementos semióticos, visto que essa é a essência na qual a nossa pesquisa se aplica. Esse processo de evolução proporciona a integração entre as mais variadas localidades, línguas, povos e nações. Ademais, essa inserção aporta a maior instrumentalização já vista provida pelos sistemas de comunicação.

Com o cinema é possível aproximar culturas e junto com ela todas as suas particularidades de fala e como os personagens interagem entre si e entre os demais membros da comunidade. Também, o cinema proporciona a encenação e interação de forma natural, correspondendo o maior interesse não só da pesquisa social, mas também, pragmática no que concerne ao modo espontâneo de como as pessoas se expressam e falam sobre coisas que são importantes para elas e para a comunidade de forma geral.

É certo que por ser um filme para turista, existem as questões de estereótipos que enriquecem o preconceito social e linguístico de algumas comunidades. Em virtude disso, acabam utilizando alguns atributos para descriminalizar e estigmatizar alastrando o preconceito pelos quatro cantos do mundo. Mostacero Villareal (2012) diz que essa é uma realidade que pode ser alterada ao utilizar esses mesmos atributos para elogiar.

Contudo, como para tudo existe as desvantagens, as vantagens também se fazem presentes. Nesse caso, utilizamos dessas marcas, pois é justamente por causa delas que encontraremos uma certa facilidade em perceber as características referentes à omissão do pronome *yo*.

Ainda, de acordo com Silva Júnior (2021, p. 121), “os estudos sobre a linguagem e a interação comunicativa ganham grande relevância, ampliando, assim, seu horizonte teórico/descritivo”. Postas essas justificativas, consideramos pertinente e relevante a junção dessas duas áreas da linguística em ascensão para que os

estudos se voltem cada vez mais para uma questão que foi excluída de análise por muito tempo: o contexto.

#### **4.4 *Hasta que nos volvamos a encontrar: síntese do corpus***

A primeira produção de *stream* peruana da Netflix acompanha um romance improvável de um casal em meio às paisagens magníficas do Peru. Embora ele não nos traga nada de novo no que diz respeito ao gênero romance, o enredo torna-se cativante por ser encantador e pelo fato dos aspectos culturais embalarem na trama, tendo em mente que o país foi berço de algumas civilizações mais antigas da América Latina que deixaram um importante legado que são até os dias atuais preservados e fazem parte do Patrimônio da Humanidade.

A narrativa protagonizada por Stephanie Cayo e Max Iglesias desponta quando um importante empresário espanhol, herdeiro e operador de uma cooperação multimilionária de uma rede hoteleira da Espanha, decide eleger Cusco, o centro geográfico do mundo, para executar seu primeiro projeto no exterior.

Enviado pelo pai, ao chegar no país, Salvador Campodónico é recepcionado com uma festa tradicional e conhece Ariana, uma artista peruana e mochileira que encara a vida de forma despojada e é apaixonada por sua cultura. Além disso, Ariana é sobrinha de Lichi, personagem interpretada por Wendy Ramos, proprietária de um hostel local que está localizado exatamente onde o hotel luxuoso será construído.

Com total intenção, ele é hospedado por Lichi com quem abre suas pretensões laborais e negocia uma parte do terreno do hostel para dar seguimento ao seu projeto. A atração entre os protagonistas acontece à primeira vista como de praxe em muitos romances, mas após descobrir as intenções comerciais de Salvador ela dá tudo de si para que o plano dele não seja bem sucedido.

O ápice do longa se passa quando, para aproveitar melhor o seu traslado, Salvador procura uma excursão ofertada pelo hostel e acaba indo apenas com Ariana em um passeio de cinco dias pelos lugares mais fascinantes do Peru como Salkantay, Machupichu, Puno e Paracas.

A trama segue embalada pelas experiências vividas no passado que explicam muitas ações dos personagens. Por essa causa, alguns conflitos que acontecem

exigem uma nova visão e reconstrução de ideais para partir para uma jornada final de redenção com a finalidade de conquistar e entender o outro.

Dada a apresentação breve do enredo do filme, consideramos que já é possível o leitor compreender o procedimento de análise que estamos propostos a realizar. Ademais, foi feito de forma sucinta e sem riqueza de detalhes para que o leitor anele ver o filme.

#### **4.5 Procedimento de análise da pesquisa**

Tendo em vista os objetivos da pesquisa é mais que essencial, agora, traçar o percurso do procedimento de análise de dados e os interesses do conhecimento para alcançar os resultados anelados de acordo com o que propomos. Destarte, para o andamento da análise, recorreremos aos estudos da pragmática sob a perspectiva da sociopragmática, pois ela visa o estudo descritivo e analítico de determinados fenômenos sociais refletidos por meio de uma língua viva e variável. Silva Júnior (2021, p. 121) diz que “a língua não é um elemento estático, mas está em constante mudança e estudá-la a partir de uma estrutura fixa é o mesmo que limitá-la e não compreendê-la num sentido mais amplo”.

Como já mencionado, a pesquisa está orientada pelo método de análise de conteúdo e já dentro da fase de exploração do material, a categorização. Levando em conta o estudo realizado por Bardin (2016) sobre análise de conteúdo que tem o objetivo de direcionar o pesquisador e facilitar a compreensão do trabalho, ele afirma que tal técnica consiste em, basicamente, organizar, codificar e categorizar as informações e materiais coletados para que, assim, o estudo fique mais objetivo.

Para nossa pesquisa, criamos três categorias de análise: 1- Os casos de omissão e uso proferidos por Salvador; 2- Os casos de omissão e uso proferidos por Ariana; 3 – Pontos divergentes e convergentes da análise.

Na primeira etapa, explanaremos por meio de quadros, divididos pelos comportamentos encontrados, os enunciados que foram selecionados a partir da identificação dêitica, a fim de descrever os fenômenos identificados. Logo após, analisamos os fenômenos sob o prisma sociopragmático, a fim de entender como eles influenciam no aparecimento ou não do *yo*. Na segunda etapa adotamos o mesmo

procedimento. Por último, estabelecemos os pontos de análise em comum entre os enunciados proferidos pelos dois personagens.

Quanto à finalidade ou aos interesses de conhecimento da investigação e sob a perspectiva da classificação imposta por Bauer, Gaskell e Allum (2002), nos valem da construção do consenso, partindo do pressuposto de que em toda comunidade há falhas na comunicação e, conseqüentemente, uma preocupação de se entender e entender o outro. Desse modo, esse ajuste do entendimento se dá por meio das vivências individuais e experiências em relação aos seus próprios costumes e, também, na interação entre os indivíduos de comunidades e tradições diferentes.

Dado o exposto, consideramos o material suficiente para dar seguimento ao próximo passo da investigação, tendo em vista que já estão delimitados o delineamento da pesquisa quanto à abordagem, os métodos quanto aos objetivos e, por último, a explanação sobre o *corpus* e o procedimento de análise.

#### **4.6 Análise – *El Yo***

Após realizar o procedimento de seleção dos enunciados, descrevemos, manualmente, quatro casos de omissão para cada personagem, quatro de uso para Salvador e seis para Ariana, fragmentados em dois subtópicos de análises, de acordo com seu comportamento linguístico, proferidos, primeiramente, pelo personagem espanhol Salvador; logo após discorremos, os casos de uso e omissão emitidos por Ariana expondo não só o dito, mas o contexto de fala.

Ainda é de suma importância mencionar que alguns trabalhos foram estabelecidos como referência para a análise e, sobretudo, para a realização dos quadros. Dentre eles está o de Frías Conde (2001) que mostra um certo padrão do uso e da ausência do *yo* a partir de um viés linguístico, nesse caso, gramatical, mas sem excluir alguns parâmetros extralinguísticos como o grau de formalidade da situação, por exemplo. Além de Frías Conde (2001), utilizamos Serrano (2014) que aborda o comportamento do *yo* por uma ótica cognitiva e gramatical no que tange à posição do pronome dos enunciados. Também nos baseamos no trabalho de Alemán e Rodríguez (2001), que traz ao pronome um olhar mais social por considerar alguns elementos sociolinguísticos em sua análise. Por fim, para a perspectiva pragmática da atenuação nos valem do trabalho de Gomes (2013).

#### 4.6.1 Os casos de omissão e uso do *yo* proferidos por Salvador

Os usos linguísticos revelam de alguma forma a identidade de quem fala, assim como, transmitem desigualdades e diferenças socioculturais. Ao fazer uso de uma língua, o indivíduo não só utiliza de um sistema de códigos e princípios, mas exibem no seu modo de falar uma série de indícios sobre sua condição geográfica, cultural, social, individual e, também, econômica. Ao mesmo tempo em que revela esses elementos, o falante dota seus enunciados de intencionalidades ao expressar alguns termos e, também, ao omiti-los. Desse modo, pode-se dizer que isso, de alguma maneira, modifica o sentido das mensagens.

Para a análise desse pronome, em específico, explanaremos por meio de quadros os enunciados proferidos pelo protagonista do filme em que a dêixis da primeira pessoa do singular aparece. Destacaremos, também, a zona geográfica ao qual o falante pertence e, não menos importante, o comportamento do pronome a fim de analisar como os elementos internos e externos à língua influenciam.

Tomamos como pontapé inicial os enunciados produzidos em contextos formais. O primeiro caso ocorre em uma entrevista de televisão em que Salvador responde ao seguinte pedido da entrevistadora: “*Cuéntanos un poco cómo es tu día a día*”. Ele a responde falando acerca de sua rotina metódica que garante a chave para se obter sucesso e atingir objetivos.

Além de revelar o segredo de sua rotina, Salvador desvela de maneira cordial, ao contestar o pedido da entrevistadora, adjetivos particulares sobre si próprio, como é possível ver no segundo exemplo.

Por fim, o último ato se passa em uma reunião empresarial que acontecia em virtude de uma comemoração do desenrolar do novo projeto da empresa, o hotel no centro de Cusco. Salvador deixa claro que ele será um divisor de águas em suas vidas, principalmente, na dele. Veremos de maneira detalhada no quadro e nas linhas seguintes.

Tabela 1 – Omissão pelo contexto formal

| ENUNCIADO                          | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                | COMPORTAMENTO                                                |
|------------------------------------|--------------------|-------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <i>Me levanto todos los días a</i> | Peninsular/Espanha | Entrevista de televisão | • Omissão pronominal pelo contexto formal da fala. Ainda que |

|                                                                                                           |                    |                         |                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>las 5 a.m. a ejercitar.<sup>2</sup></i>                                                                |                    |                         | esteja falando sobre uma atividade pessoal, o contexto é a prioridade;<br>• Expressão intensiva e excluída do <b>yo</b> por meio do <b>me</b> (índice extra verbal) seguido de um verbo intransitivo; |
| <i>Digamos que <b>soy</b> un poco maniático.<sup>3</sup></i>                                              | Peninsular/Espanha | Entrevista de televisão | • Omissão pronominal pelo contexto formal da fala. Mesmo que esteja falando sobre um traço de identidade, o contexto é a prioridade.                                                                  |
| <i><b>Estoy</b> seguro que a partir de hoy habrá un antes y un después en nuestras vidas.<sup>4</sup></i> | Peninsular/Espanha | Auditoria da empresa    | • Omissão pronominal pelo contexto formal da fala e, também, pelo verbo da oração já assumir o papel do sujeito.                                                                                      |

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos enunciados observados da omissão pelo contexto, é possível conferir que os casos ocorrem em sua maior parte nos contextos formais, já que dos cinco atos selecionados de omissão pelos contextos formais e informais (os outros dois estão na tabela 2), três se passam devido ao contexto formal. De acordo com Cantero (1976), há um declínio do uso do *yo* quando o falante desenvolve algum assunto científico ou quando o interlocutor está inserido em ambientes que exigem o uso do registro formal, como nos casos de conferências, entrevista de televisão e reuniões empresariais, por exemplo.

Em contrapartida, é necessário mencionar que ainda que o dêitico não esteja presente de forma explícita não quer dizer que ele não esteja no enunciado de fato, sintaticamente falando, como um sujeito oculto da oração. Visualizamos esse fato no primeiro enunciado Salvador diz “**Me levanto todos los días a las 5 a.m. a ejercitar**”, o dêitico se faz presente na expressão “me levanto”. Dado ao determinado contexto que o enunciador se encontra, ele mitiga o enunciado com a omissão do pronome *yo*, que

<sup>2</sup> Me levanto todos os dias às cinco para exercitar. (tradução nossa)

<sup>3</sup> Digamos que sou um pouco maniático.

<sup>4</sup> Tenho certeza que a partir de hoje haverá um antes e depois em nossas vidas.

carrega peso cultural, confiando na abrangência do pronome pessoal átono do caso oblíquo e do verbo em seguida.

Portanto, o registro linguístico influenciado pelo contexto intervém na omissão ou aparecimento do dêitico. Na via de mão dupla em que os discursos perpassam o eu e o tu, a necessidade de marcar o sujeito decresce já que no momento da interação, os participantes conseguem identificar quem é quem no jogo linguístico. Vejamos nos casos a seguir.

Tabela 2 – Omissão pelo contexto informal

| ENUNCIADO                                      | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                         | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------|--------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Pero te <b>voy</b> a quemar<sup>5</sup></i> | Peninsular/Espanha | Momento de lazer e festa                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |
| <i>No, no <b>soy</b> tan fácil<sup>6</sup></i> | Peninsular/Espanha | Momento de descontração o entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de omissão mostra um sistema em que as desinências verbais são suficientes a ponto de não existir a necessidade de o pronome estar sempre explícito, como no caso anterior. Mais que uma questão cultural, esse é de fato um fator linguístico. A via de regra, ele aparece explicitamente em casos que a sua omissão

<sup>5</sup> Mas eu vou te queimar.

<sup>6</sup> Não, não sou tão fácil.

alteraria o sentido da mensagem causando a ambiguidade do sujeito e é exatamente por isso o pronome é apontado como um elemento dêitico.

Tendo em mente o sobredito, para simplificar a comunicação e reduzir a força ilocucionária do “eu”, em contextos informais, o enunciador propende a reduzir a menção de seu nome. Sem outras intenções, essa é uma característica apenas, não egocêntrica, mas um comportamento do sintagma. Serrano (2014) confirma esse ponto dizendo que em diálogos as necessidades argumentativas diminuem decrescendo a necessidade de indexar o interlocutor por meio do uso dos pronomes. Esse fato nos faz pensar no egocentrismo do *yo* não como um fator apenas cultural, mas interno à língua.

Em relação ao último caso, Frías Conde (2001) sinala que quando o *yo* vem acompanhado por advérbios espera-se sua marcação, entretanto, ele não é marcado no caso acima. Esse acontecimento levanta a incógnita de que o fato de o ato estar inserido em contexto informal e ele diminuir a necessidade de indexação do sujeito, o contexto apresenta maior poder de influência e força do que a marcação reforçada por advérbios.

Além desses, a omissão é percebida antes dos verbos performativos, quando o significado é acionado no momento da fala, ou seja, a ação ocorre no próprio ato de fala. Confira na tabela seguinte.

Tabela 3 – Omissão por verbos performativos

| ENUNCIADO                                                                   | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                              | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------|---------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Creo que estamos exactamente donde deberíamos estar</i> <sup>7</sup>     | Peninsular/Espanha | Protagonistas conversam informalmente | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesse caso, o <i>yo</i> deveria estar explícito já que o verbo em questão se trata de um verbo de conhecimento.</li> <li>• Retira a responsabilidade do enunciador.</li> </ul> |
| <i>Quería felicitarte por lo bien que cantaste y el baile.</i> <sup>8</sup> | Peninsular/Espanha | Protagonistas conversam informalmente | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesse caso, o <i>yo</i> deveria estar explícito já que o verbo em questão se trata de</li> </ul>                                                                               |

<sup>7</sup> Creio que estamos exatamente onde deveríamos estar.

<sup>8</sup> Queria te parabenizar por cantar tão bem e pela dança.

|                                                               |                    |                                    |                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                               |                    |                                    | um verbo de conhecimento.<br>• Retira a responsabilidade do enunciador.                                                                                  |
| <i>Entonces, <b>renuncio</b> a la corporación<sup>9</sup></i> | Peninsular/Espanha | Discussão entre Salvador e seu pai | • Nesse caso, o yo deveria estar explícito já que o verbo em questão se trata de um verbo de conhecimento.<br>• Retira a responsabilidade do enunciador. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de todos os elementos linguísticos, que levam o falante a marcar o yo em seus enunciados, é necessário reafirmar a permissão da língua espanhola para omiti-lo já que o verbo é capaz de deixar rastros acerca do sujeito (Alemán; Rodriguez, 2001). Tendo isso em vista, algumas culturas se aproveitam dessa vantagem para não o realizar, pela questão de que esse termo carrega não só um peso linguístico, mas também cultural.

A omissão desse dêitico, em específico, está presente de forma bastante exposta no falar peninsular, como confirma Briz (2007), devido à sua tendência em afastar-se, ao observar que o sujeito só é de fato preenchido, em sua maioria, em casos em que sua não realização causaria ambiguidade. Dito de modo mais claro, o pronome só é proferido quando o enunciador não tem a escolha de não o pronunciar a fim de evitar problemas de compreensão na comunicação. Caso contrário, sempre que possível não ocorre o preenchimento do sujeito. Investigaremos esse fato, sob o prisma da sociopragmática para compreender de que modo isso acontece e a fim de quê.

De acordo com Briz (2007), as sociedades e as culturas são determinantes, pois existem culturas que tendem a afastar-se ou aproximar-se em maior e/ou menor grau, como a cultura espanhola que a aproximação é em menor grau. Isso explica o maior uso da atenuação baseado na questão da confiança e abre a mente para o entendimento do porquê a frequência das estratégias de atenuação são mais frequentes na América.

<sup>9</sup> Então, me demito da corporação.

Tendo isso em vista, essa aproximação se dá pela necessidade de relativização do que é expressado. Isso ocorre quando se omite o pronome e dá lugar ao uso de verbos performativos, da natureza do conhecimento e, ainda, com reforço de advérbios de afirmação. Tudo isso com o único objetivo de proteger a imagem e mantê-la positiva para não passar a ideia de arrogância e egocentrismo.

Essa relativização, de acordo com Briz *et al.* (2013), nada mais é do que a debilitação da forma argumentativa sobre o que é dito, ou seja, o enunciador mostra incerteza e dúvida para não assumir a responsabilidade do que é dito. Mais do que um fator cultural, esse é um fator linguístico que rompe as fronteiras dos países.

É válido dizer que essa análise, está delimitada a uma pessoa do sexo masculino, adulta e de nível social privilegiado, isso influi no fato de que os homens, de acordo com Cestero Mancera (2012), em relação às mulheres, atenuam menos, mas se destacam pelo uso da despersonalização para reparar, desfocar e rebaixar.

Nesse caso, como já dito, a ausência é ocasionada pelo fato do verbo performativo ou de conhecimento ter sentido completo e força ilocucionária significativa. Isso ocorre por conta da expressão intensiva do *yo*, já que para minimizar essa força e modalizar o enunciado, o interlocutor utiliza-se dos verbos para não se comprometer com o enunciado (Briz, 2005). Por essa razão, pode-se afirmar que a omissão do dêitico reflete à intenção de retirar a responsabilidade do interlocutor e, assim, “ganhar” o jogo da conversa.

Para concluir os casos de omissão proferidos por Salvador, todos os casos, além dos motivos extralinguísticos, apresentaram motivações linguísticas que colaboraram para a omissão do pronome. Em contrapartida, encontramos dois casos em que linguisticamente os motivos não são aparentes. Em virtude disso, a sociopragmática traz algumas explicações.

O primeiro enunciado se passa em uma discussão em que Ariana quebra o celular de Salvador por falta de atenção. Ele se irrita devido ao fato de levar dias sem contato e informações sobre seu trabalho. O segundo enunciado ocorre quando Salvador discute com seu pai, devido à missão em comprar o terreno ter falhado.

Tabela 4 – Omissão por distanciamento

| ENUNCIADO                                                              | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                                  | COMPORTAMENTO                              |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| <i>Ariana, llevo cinco días sin cobertura</i> <sup>10</sup>            | Peninsular/Espanha | Os protagonistas estão em uma trilha e Salvador encontra sinal de celular | • Omissão sem motivo linguístico aparente. |
| <i>He pensado que era una buena idea que lo tuvieras</i> <sup>11</sup> | Peninsular/Espanha | Momento de tensão entre os protagonistas                                  | • Omissão sem motivo linguístico aparente. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Um traço amiúde que marca o comportamento egocêntrico é o uso enfático do *yo*. O seu uso é recorrente nos discursos, ainda assim, sua omissão é mais abundante (Cantero, 1976). Isso ocorre na tentativa de não parecer rude e para conseguir tal feito se omite o pronome. Por essa razão, é necessário sairmos dos aspectos linguísticos e recorrermos à sociopragmática para entendermos as motivações para tal omissão.

O assunto sobre o qual se fala e a atuação física refletem diretamente no preenchimento ou não do dêitico do ato de fala. Como já supradito, a omissão do *yo* é comumente vista em contextos de registro formal, ainda que seja um confronto entre pai e filho, existe toda uma construção para manter o respeito pelo tipo do relacionamento existente ali. Também, é de suma importância levar em conta o tema do conflito desenvolvido nesse contexto, pois por estarem tratando de negócios, o registro é formal.

Atendendo a isso, acordamos que ambos os atos foram enunciados em momentos em que a emoção de raiva prevalecia. Então, o enunciador tende-se a distanciar-se do outro a fim de se proteger e não soar tão rude. Sob o prisma da atenuação, pode-se dizer que essa omissão serve para evitar a manifestação agressiva do *yo* frente ao fator externo que o motiva: o sentimento de raiva.

Vistos os casos de omissão, nos valeremos da exposição dos enunciados em que o *yo* é mencionado de maneira explícita. Analisaremos, sobretudo, a dimensão da subjetividade linguística quanto à inscrição do referente no conteúdo que ele emite.

<sup>10</sup> Ariana, faz cinco dias que estou sem cobertura.

<sup>11</sup> Eu pensei que era uma boa ideia que você o tivesse.

O ato em questão acontece quando Salvador solicita um passeio pelas mais bonitas paisagens de Machu Picchu. O comportamento analisado é a expressão intensiva do dêitico para evitar ambiguidade, ou seja, não deixar dúvidas sobre qual *yo* fala.

Tabela 5 – Expressão para evitar ambiguidade

| ENUNCIADO                                                                      | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                              | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------|--------------------|---------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Yo había pensado en Machu Pichu. Es fundamental ese, ¿no?</i> <sup>12</sup> | Peninsular/Espanha | Pedido de informação para o turismo   | • Expressão necessária do <i>yo</i> quando pretende evitar ambiguidade na determinação do sujeito. Isso acontece quando o verbo carece de marca de pessoa, neste caso, é marcado pelo tempo verbal <i>antecopretérito de indicativo</i> . |
| <i>Que yo sepa, tú no eres la dueña</i> <sup>13</sup>                          | Peninsular/Espanha | Conversa tensa entre os protagonistas | • Expressão necessária do <i>yo</i> quando pretende evitar ambiguidade na determinação do sujeito. Isso acontece quando o verbo carece de marca de pessoa, neste caso, é marcado pelo tempo verbal presente do subjuntivo.                |

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da exposição do enunciado e sua característica, é notório o preenchimento do sujeito por fatores linguísticos, ou seja, sua não realização possivelmente alteraria o significado da mensagem.

Em questão, vemos de maneira técnica a marcação expositiva do dêitico para evitar a ambiguidade, ou seja, os falantes usam do fenômeno para deixar claro a que sujeito de fato se referem quando o verbo da oração carece de marca do sujeito, por exemplo.

<sup>12</sup> Eu tinha pensado em Machu Pichu. É fundamental esse, não?

<sup>13</sup> Que eu saiba, você não é a dona.

Nesse caso, o verbo está conjugado no pós-pretérito do indicativo que apresenta conjugações iguais tanto para primeira pessoa do singular como para terceira, exigindo assim o sujeito bem marcado.

Concomitante a isso, outro caso de expressão geralmente necessária ocorre quando o pronome vem acompanhado de advérbios de negação ou afirmação. Vejamos a seguir.

Tabela 6 – Expressão reforçada por advérbios

| ENUNCIADO                                                                                       | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                                  | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|---------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>No, <b>yo</b> sí que no lo puedo creer.</i> <sup>14</sup>                                    | Peninsular/Espanha | Os protagonistas estão em uma trilha e Salvador encontra sinal de celular | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão intensiva do <b>yo</b> com verbo reforçado pelo advérbio de afirmação e negação;</li> <li>• Além disso, o verbo pertence ao de natureza do conhecimento.</li> </ul> |
| <i>Porque <b>yo</b> creo... <b>yo</b> sí... <b>yo</b> sí creo que bailé bien.</i> <sup>15</sup> | Peninsular/Espanha | Conversa informal entre os protagonistas                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão intensiva do <b>yo</b> com verbo reforçado pelo advérbio de afirmação;</li> <li>• Além disso, o verbo pertence ao de natureza do conhecimento.</li> </ul>           |

Fonte: Elaborado pela autora.

Frías Conde (2001) reforça que esse comportamento acontece de maneira abundante quando o pronome está acompanhado de advérbios de negação e afirmação. Sem documentar profundamente as razões, o autor referencia a gramática de Salvador Fernández *Los sonidos, el nombre y el pronombre*, pois sinteticamente o gramático diz que isso ocorre quando há um enfrentamento entre duas pessoas, ou seja, o **yo** e o **tú** para estabelecer cada sujeito à sua ação. Serrano (2014) complementa a mesma ideia ao dizer que as duas pessoas se ordenam no enunciado para obter um maior envolvimento da ótica do locutor sobre a declaração.

<sup>14</sup> Não, eu que realmente não posso acreditar.

<sup>15</sup> Porque eu creio... eu sim... eu acredito sim que dancei bem.

Por outro lado, Serrano (2014) mostra que o uso do dêitico pode mudar de significado quando visto do prisma cognitivo. Isso quer dizer que dependendo da posição que ocupe no enunciado em relação ao verbo ele pode ser mais enfático ou não. Vejamos a próxima tabela.

Tabela 7 – Uso com variação pós-verbal

| ENUNCIADO                                                                                            | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                    | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>[...] si soy <b>yo</b> que lo hace, estará a la altura de una maravilla mundial</i> <sup>16</sup> | Peninsular/Espanha | Auditoria da empresa                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Variação pós-verbal que indica menor agentividade e mais informatividade; provavelmente sua intenção seja polir a fala para não parecer rude;</li> <li>• Uso contrastivo/ênfase (ver tabela 16);</li> <li>• Ainda que <i>yo</i> do enunciado seja pós-verbal, a menção do dêitico é necessária para afirmar a participação do enunciador no conteúdo que emite.</li> </ul> |
| <i>Ahora lo cierro <b>yo</b></i> <sup>17</sup>                                                       | Peninsular/Espanha | Salvador fecha a mala para fazer um passeio | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Variação pós-verbal que indica menor agentividade e mais informatividade;</li> <li>• Característico de textos conversacionais.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                  |

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando em uso, o pronome assume duas possíveis variações: a pré-verbal e a pós-verbal. Serrano (2014) afirma que quando o uso é de natureza pré-verbal, tanto em gêneros orais como escritos, os interlocutores adquirem maior subjetividade no conteúdo comunicativo do qual estão fazendo parte, além de trazer mais informatividade para o enunciado.

<sup>16</sup> [...] Se sou eu que faço, estará a altura de uma maravilha mundial.

<sup>17</sup> Agora fecho eu.

Tendo isso em vista, é possível sair do plano de que as variantes são expressões diferentes que são utilizadas para dizer a mesma coisa. Mediante a base teórica realizada por Serrano (2014), pode-se ver que formas gramaticais em alternância transmitem mensagens distintas, pois o uso de qualquer pronome de sujeito vem acompanhado das vivências do falante, das perspectivas, necessidades comunicativas e elementos característicos da situação (Serrano, 2014).

Além disso, Serrano (2014) diz que quando o pronome ocupa uma posição pós-verbal a ação agente do sujeito diminui, ou seja, adição do pronome proporciona mais informatividade e é menos proeminente, exigindo um maior processamento. Para entender melhor as diferenças entre as duas variantes, vejamos o quadro seguinte.

Tabela 8 – Uso com variação pré-verbal

| ENUNCIADO                                                                                    | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                                    | COMPORTAMENTO                                                          |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| <i>Todo el problema surgió porque <b>yo</b> quiero construir un hotel aquí.<sup>18</sup></i> | Peninsular/Espanha | Salvador conta ao grupo que acabou de conhecer o motivo da busca por Ariana | • Variação pré-verbal que indica maior agentividade, tornando-o focal; |
| <i><b>Yo</b> siempre estoy trabajando<sup>19</sup></i>                                       | Peninsular/Espanha | Conversa tensa entre os protagonistas                                       | • Variação pré-verbal que indica maior agentividade, tornando-o focal. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Enquanto a variação pós-verbal age como uma informação adicional ao conteúdo emitido no enunciado e, conseqüentemente, retira o foco do sujeito; quando o sujeito é colocado na ordem lineal da língua SV, ele acaba assumindo uma maior proeminência no enunciado e, provavelmente, já tenha sido mencionado anteriormente (Serrano, 2014). Com isso em mente, o processamento da informação gera menos esforço.

Esgotados os casos e comportamentos do pronome proferido pelo espanhol Salvador. Vejamos o que sucede com os casos de omissão e uso realizados pela latino-americana Ariana.

<sup>18</sup> Todo o problema surgiu porque eu quero construir um hotel aqui.

<sup>19</sup> Eu sempre estou trabalhando.

#### 4.6.2 Os casos de omissão e uso do *yo* proferidos por Ariana

Dando início a análise que propomos apresentar nesta seção, selecionamos os atos proferidos pela protagonista Ariana. Como já dito, ela é latino-americana e, mais especificamente, é nascida no Peru.

Vejamos os casos que aparecem durante as cenas. O primeiro e o mais abundante são os casos de omissão justificados pela natureza informal das situações que os compõe.

Tabela 9 – Omissão pelo contexto informal

| ENUNCIADO                                                              | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                       | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>No te vi, lo siento</i> <sup>20</sup> .                             | Andina/América     | Momento em que os protagonistas se chocam      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |
| <i>Bueno, mañana puedo levar tu saco a la lavandería</i> <sup>21</sup> | Andina/América     | Momento em que os protagonistas se chocam      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |
| <i>Estoy aprendiendo</i> <sup>22</sup>                                 | Andina/América     | Momento de descontração entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |

<sup>20</sup> Não te vi, sinto muito. (tradução nossa)

<sup>21</sup> Amanhã posso levar seu casaco à lavanderia.

<sup>22</sup> Estou aprendendo.

|                                                  |                |                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------|----------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Ahí voy a estar</i> <sup>23</sup>             | Andina/América | Conversa informal entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |
| <i>Manejo mis propios horarios</i> <sup>24</sup> | Andina/América | Conversa informal entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |
| <i>No beso en la primera cita</i> <sup>25</sup>  | Andina/América | Conversa informal entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão pelo contexto onde os participantes estão na interação, então decresce a necessidade de indexar o interlocutor mediante o uso dos pronomes;</li> <li>• O verbo da oração assume o papel do sujeito.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já dito, nesses casos, a omissão acontece por causa do contexto informal. Nele, a necessidade de marcar o sujeito explicitamente decresce já que os participantes normalmente estão presentes na interação (Serrano, 2014).

De fato, é certo que esse é um fator mais linguístico do que cultural, entretanto, nos casos de Ariana aparece com mais abundância já que ela não é inserida na trama em nenhum contexto formal. Assim como em um dos atos de Salvador, Ariana também elabora enunciados em que o *yo* é omissa, mas expresso pelo *me*. Vejamos:

<sup>23</sup> Aí vou estar.

<sup>24</sup> Faço meus próprios horários.

<sup>25</sup> Não beijo no primeiro encontro.

Tabela 10 – Expressão intensiva por meio do *me*

| ENUNCIADO                                                                           | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                            | COMPORTAMENTO                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Aunque también <b>me</b> gustaría pasar un tiempo en la playa.</i> <sup>26</sup> | Andina/América     | Momento de descontração o entre os protagonistas    | • Expressão intensiva e excluída do <i>yo</i> por meio do <b>me</b> (índice extra verbal) seguido de um verbo intransitivo. |
| <i>Con razón, ya <b>me</b> sonaba tu cara.</i> <sup>27</sup>                        | Andina/América     | Momento em que as donas do hostel conhecem Salvador | • Expressão intensiva e excluída do <i>yo</i> por meio do <b>me</b> (índice extra verbal) seguido de um verbo intransitivo. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse caso, em especial, Frías Conde (2001) diz que quando aparece índices extra verbais como o *me* e o pronome possessivo *mi*, a necessidade de marcar o sujeito também decresce. São raros os casos em que aparecem ambos, ou melhor, quando o *yo* acompanha.

Ainda assim, é classificado como expressão intensiva, pois mesmo que o pronome não apareça de fato, ele é representado pelo índice. Frías Conde (2001) afirma que isso ocorre porque após o pronome segue um verbo intransitivo e quando vem o verbo transitivo o enunciado gera ambiguidade. Para evitar esse problema, a língua fornece duas escolhas: usar explicitamente o pronome *yo* ou o índice extra verbal.

Outra ocasião localizada de exclusão do dêitico se passa quando Ariana recorre à omissão por meio do verbo performativo *querer*. Da mesma forma, mais do que um recurso linguístico, é possível notar uma influência maior dos aportes sociais a partir do enunciado dito. Acompanhe a próxima tabela.

Tabela 11 – Omissão por verbos performativos

| ENUNCIADO                                               | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                 | COMPORTAMENTO                                                               |
|---------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| <i>No <b>quise</b> hacer esto, perdón</i> <sup>28</sup> | Andina/América     | Momento de tensão entre os protagonistas | • Nesse caso, o <i>yo</i> deveria estar explícito já que o verbo em questão |

<sup>26</sup> Embora eu também gostaria de passar um tempo na praia

<sup>27</sup> Com razão, seu rosto já me era familiar.

<sup>28</sup> Não quis fazer isso, perdão.

|                                                           |                |                                          |                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------|----------------|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                           |                |                                          | se trata de um verbo de conhecimento.<br>• Retira a responsabilidade do enunciador.                                                                      |
| <i><b>Pensé</b> que el vómito me había librado de ti.</i> | Andina/América | Conversa informal entre os protagonistas | • Nesse caso, o yo deveria estar explícito já que o verbo em questão se trata de um verbo de conhecimento.<br>• Retira a responsabilidade do enunciador. |

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Gomes (2013), a omissão por meio do uso de verbos performativos do ponto de vista linguístico é correferida a atribuições de argumentação ou minimização em benefício do locutor ou do ato proferido; já do ponto de vista social, seu uso é justificado como uma forma de proteção para salvaguardar o “eu” e proteger imagens.

Já vimos os aportes linguísticos que justificam sua omissão por meio destes verbos. Contudo, por meio desse enunciado em específico, é possível reafirmar que o enunciador retira por completo sua responsabilidade e guarda sua imagem, não denotando egocentrismo, mas de fato realizando a autoproteção de sua imagem.

Nesse mesmo viés, vejamos o caso de omissão por distanciamento sem motivo linguístico aparente, embora a situação ocorra dentro de um contexto informal, a fala foi mais influenciada pelos recursos semânticos de crítica e ironia em relação à história e ao legado de todo um povo.

Tabela 12 – Omissão por distanciamento

| ENUNCIADO                                                              | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                | COMPORTAMENTO                              |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------|
| <i>No <b>recuerdo</b> haberte habilitado en la suite presidencial.</i> | Andina/América     | Crítica ao colonialismo                 | • Omissão sem motivo linguístico aparente. |
| <i><b>Espero</b> que un caballero tampoco<sup>29</sup></i>             | Andina/América     | Enunciado proferido motivado por ameaça | • Omissão sem motivo linguístico aparente. |

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>29</sup> Espero que um cavalheiro também não.

Mais uma vez se faz necessário recorrer ao aspecto social do enunciado, pois só os recursos linguísticos não dão conta de justificar a ausência do dêitico. Diferentemente da motivação de Salvador (Tabela 4), Ariana é motivada por um senso de justiça e patriotismo que a faz gerar algumas críticas ao espanhol. É essa a razão que sobrepõe a influência do contexto informal e dá lugar a um momento de tensão entre eles, ainda que soe em tom de brincadeira.

Isso pressupõe que o que ocorreu foi um ato de descortesia, não por uma ausência de polidez ou atenuação, já que ela intensifica uma crítica para criar mal-estar no outro (Gomes, 2013). Encerrados os casos de omissão, nos valeremos a seguir dos atos em que o *yo* é usado.

Tabela 13 – Expressão para evitar ambiguidade

| ENUNCIADO                                                                           | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                    | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>¿tú crees que yo...? O sea, lo hubiera mandado derecho para...</i> <sup>30</sup> | Andina/América     | Conversa informal aleatória | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão necessária do <i>yo</i> quando pretende evitar ambiguidade na determinação do sujeito. Isso acontece quando o verbo carece de marca de pessoa, neste caso, é marcado pelo tempo verbal <i>antepretérito de subjuntivo</i>;</li> <li>• Variação pré-verbal que indica maior agentividade, tornando-o focal.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já discorrido, o processo da ambiguidade acontece quando o verbo carece de marca de sujeito. No ato acima o *yo* é seguido do verbo conjugado no *antepretérito de subjuntivo* ou *subjuntivo pretérito pluscuamperfecto* “*hubiera mandado*”. Essa é a razão justificada por Frías Conde (2021) para o acontecimento.

Além disso, a posição pronominal é classificada como pré-verbal que faz com que o sujeito seja o foco da oração, transmitindo assim protagonismo ao eu e faz com que o enunciado gire em torno de suas ações.

<sup>30</sup> Você acha que eu? Ou seja, teria mandado direto para...

Por outro lado, temos o *yo* expressivo acompanhado por advérbios e, dessa vez, marcado pelo de negação. Averiguemos a ocasião exposta na tabela seguinte.

Tabela 14 – Expressão reforçada por advérbios

| ENUNCIADO                                                  | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                 | COMPORTAMENTO                                                                    |
|------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Yo nunca estaría con alguien como tú.</i> <sup>31</sup> | Andina/América     | Conversa informal entre os protagonistas | • Expressão intensiva do <i>yo</i> com verbo reforçado pelo advérbio de negação. |

Fonte: Elaborado pela autora.

No ato acima, nota-se mais sua marcação para não gerar dúvidas sobre qual *yo* se refere, ou melhor, seu uso tem como base a ênfase sobre o sujeito que profere revelando suas vontades, desejos e opinião. Dito de outro modo, a presença do dêitico é necessária para afirmar a participação do enunciador no conteúdo que emite.

Concomitante a isso, o *yo* pode ser explícito pela necessidade de organização nos sujeitos dentro dos enunciados para estabelecer cada ato ou ação a seu sujeito.

Tabela 15 – Organização dos sujeitos

| ENUNCIADO                                                                                 | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                             | COMPORTAMENTO                                           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| <i>¿Yo, tenerte miedo a ti?</i> <sup>32</sup>                                             | Andina/América     | Reconciliação entre os protagonistas | • Organização para estabelecer cada sujeito à sua ação. |
| <i>Tú vives para tener plata en el banco, yo, para tener tiempo para mí</i> <sup>33</sup> | Andina/América     | Discussão entre os protagonistas     | • Organização para estabelecer cada sujeito à sua ação  |

Fonte: Elaborado pela autora.

Serrano (2014) fala sobre isso ao dizer que os sujeitos “eu” e “tu” se ordenam no enunciado para melhor exposição da subjetividade do locutor, ou seja, ele implica sua individualidade se contrapondo com a outra pessoa. Tanto eles se ordenam por questões de referência, quanto pelo envolvimento do locutor com o seu enunciado. Dito de modo mais objetivo, linguisticamente, se trata de uma oposição entre as

<sup>31</sup> Eu nunca estaria com alguém como você.

<sup>32</sup> Eu, ter medo de você?

<sup>33</sup> Você vive pra ter dinheiro no banco, eu, pra ter tempo para mim.

peessoas, e socialmente se refere à uma questão de subjetividade. Encerrado esse caso, continuaremos a análise na tabela seguinte.

Tabela 16 – Uso com variação pré-verbal

| ENUNCIADO                                                           | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                         | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Yo también te escuché anoche</i> <sup>34</sup> .                 | Andina/América     | Conversa informal aleatória                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso contrastivo.</li> <li>• A presença do dêitico é necessária, também, para afirmar a participação do enunciador no conteúdo que emite, ou seja, sinalando que trata de uma opinião, vivência ou argumento;</li> <li>• Variação pré-verbal que indica maior agentividade, tornando-o focal</li> </ul> |
| <i>Y yo le conté la mía.</i> <sup>35</sup>                          | Andina/América     | Conversa tranquila entre os personagens                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A presença do dêitico é necessária, também, para afirmar a participação do enunciador no conteúdo que emite, ou seja, sinalando que trata de uma opinião, vivência ou argumento;</li> <li>• Variação pré-verbal que indica maior agentividade, tornando-o focal;</li> </ul>                            |
| <i>Yo que te imaginé un poquito más experimentado</i> <sup>36</sup> | Andina/América     | Primeiro momento da construção da relação entre os protagonistas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso contrastivo/ênfase.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                     |

Fonte: Elaborado pela autora.

Frías Conde (2021), com base em Salvador Fernández, conceitua esse caso como contrastivo. Ele ocorre quando se evidencia o antecedente de outra pessoa a fim de complementar uma informação já dita, trazendo uma nova perspectiva sobre ela, ou seja, se opera um acréscimo de informação.

<sup>34</sup> Eu também te escutei ontem a noite.

<sup>35</sup> E eu te contei a minha.

<sup>36</sup> Eu que te imaginei um pouco mais experiente.

Com isso em mente, essa natureza também remete à posição do pronome na frase, já que quando se encontra antes do verbo, o sujeito acaba obtendo maior foco e agentividade no ato, reafirmando a participação do locutor na situação comunicativa. De modo contrário, veremos a próxima ocasião.

Tabela 17 – Uso com variação pós-verbal

| ENUNCIADO                                        | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                        | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                          |
|--------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ¿Cómo voy hacer trampa <b>yo</b> ? <sup>37</sup> | Andina/América     | Conversa informal marcada por um momento de jogo e descontração | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Variação pós-verbal que indica menor agentividade e mais informatividade; provavelmente sua intenção seja polir a fala para não parecer rude;</li> <li>• Característico de textos conversacionais;</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo do pressuposto redigido por Serrano (2014), várias formas gramaticais em alternância podem transmitir mensagens distintas. Como é possível ver mais uma vez, no enunciado acima em que Ariana modifica a posição do pronome na tentativa de mitigar e retirar a responsabilidade de ter cometido uma “má” ação.

Além disso, Serrano (2014) afirma que a posição pós-verbal é característica de textos conversacionais, ou seja, gêneros primários, pois são conhecidos por sua natureza espontânea. Em compensação, são raros os casos que se utilizam dessa variação nos gêneros secundários.

Continuando a sequência, apesar dos próximos enunciados se enquadrarem na variação pré-verbal, a colocação anterior (Tabela 17), diferente desses casos, é motivada por fatores internos que justificam seu uso, seja pela necessidade de ênfase ou organização. Sem nenhum fator que interfere na omissão ou uso, expor o pronome *yo*, linguisticamente, é totalmente facultativo.

<sup>37</sup> Como eu vou trapacear?

Tabela 18 – Uso facultativo

| ENUNCIADO                                                           | COMUNIDADE DE FALA | CONTEXTO                                                         | COMPORTAMENTO            |
|---------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| <i>Yo que te imaginé un poquito más experimentado</i> <sup>38</sup> | Andina             | Primeiro momento da construção da relação entre os protagonistas | • Sem motivos aparentes. |
| <i>Yo hago el ridículo todo el tiempo, me viste.</i> <sup>39</sup>  | Andina             | Intercâmbio comunicativo entre os protagonistas                  | • Sem motivos aparentes. |

Fonte: Elaborado pela autora.

É sob o prisma dos elementos de fora da língua que a justificativa para esse uso facultativo pode estar ancorada, dito de forma mais clara, os fatores sociais podem justificar a escolha da personagem em usar o pronome.

Primeiramente, elencamos a questão cultural caracterizada pela variação diatópica que marcam as divergências da língua ocasionada pela região geográfica da qual os falantes fazem parte. Segundamente, esse uso mais deliberado pode ter sido influenciado pela posição de luta da personagem que gera a necessidade de sempre reafirmar seu papel em defender a luta de um povo excluído e, ainda, sua posição na sociedade como mulher. Outra possibilidade, por fim, é a influência de línguas que exigem o sujeito preenchido, como o inglês.

As hipóteses discorridas acima comprovam a afirmação de Briz (2007) de que as culturas são decisivas porque algumas tendem a distanciar-se mais que outras. No caso da América Latina, o *yo* é usado de forma explícita com mais frequência, já que não se considera seu uso como algo egocêntrico.

Determinados os pontos de análise anteriores, vejamos em seguida os pontos convergentes e divergentes que são cruciais para entender o comportamento do dêitico em ambas as culturas.

#### 4.6.3 Pontos divergentes e convergentes da análise

<sup>38</sup> Eu que te imaginei um pouco mais experiente.

<sup>39</sup> Eu faço papel de bobo o tempo todo, você me viu.

É sabido que o uso do *yo* na zona peninsular e andina apresentam motivações distintas. Induzidos pela variação diatópica, ou seja, as diferenças marcadas por conta da geografia, cada personagem, a depender da sua etnia, marcam o dêitico de maneira diferente, permitindo que seja identificada a identidade da primeira pessoa do discurso por características dessa variação como, por exemplo, sua omissão em alguns enunciados.

A partir da análise realizada, pode-se comprovar que os espanhóis evitam o uso do dêitico mais do que os americanos. Nenhum caso linguístico facultativo dito por Salvador foi encontrado, já que as ocasiões encontradas sem motivos linguísticos aparentes eram justificadas por questões estritamente pragmáticas no que concerne à atenuação e cortesia.

Ao conhecer sua carga egocêntrica e subjetiva, na variação peninsular e no breve recorte dos enunciados analisados, é possível visualizar nas falas proferidas pelos peruanos um uso enfático, dito de forma mais clara, de realização desnecessária e uso mais livre. Por outro lado, os enunciados proferidos pelos falantes de variação peninsular tendem a reduzir a verbalização do pronome sem motivos aparentes linguisticamente.

Não menos importante, é válido destacar que a maior parte dos enunciados foram proferidos em um contexto marcado pelo registro informal. Ainda que os personagens não se conhecessem ao iniciar a trama, eles já se tratavam como tal. Nos contextos formais, o termo é comumente omitido, exceto pela ocasião em que o enunciator fala, literalmente, de si mesmo destacando seu potencial como profissional como se fosse o único capaz de desenvolver o projeto com maestria, desse modo, o *yo* é enfaticamente marcado.

Por outro lado, a personagem peruana não é inserida em nenhum contexto formal, por apresentar estilo de vida totalmente diferente do espanhol. Em virtude disso, a análise em maior abundância foi a dos seus atos interferidos ou influenciados pelo contexto informal.

Na concepção da pragmática cultural ou sociopragmática, todo o sentido dos enunciados é historicamente construído a partir de variados fatores, entre eles, sociais e culturais (Briz 2012). Tendo isso em vista, além dos rastros fonéticos, lexicais, morfossintáticos e semânticos que marcam a influência da variação diatópica no uso ou na omissão do *yo* e compõem o grupo dos fatores linguísticos, é perceptível e

possível dizer que o principal fator para sua realização ou não realização se dá sob o olhar do colonizador e do colonizado.

Esse fator é explicitamente marcado até mesmo pelo propósito da obra cinematográfica em mostrar um Peru para turista e centro de comércio para o europeu. Esse fato nos revela um olhar especial para o comportamento e perfil linguístico entre essas duas regiões.

Sustentando a tese de que os espanhóis atenuam mais, além dessas questões culturais, a omissão por uso dos verbos performativos são mais utilizados por Salvador, ou seja, na tentativa de maior afastamento, o espanhol omite mais o pronome a fim de se afastar do outro, seja por interferência cultural ou dos sentimentos que configuraram os contextos do intercâmbio comunicativo.

Ademais desses traços, Salvador utilizou mais da variação pós-verbal para mitigar o ato e não parecer rude ou egoísta durante as interações. Também, ele é bem mais preciso quanto a deixar claro a organização dos seus enunciados reforçando seus atos com advérbios de afirmação, enquanto Ariana só recorre a esse recurso uma vez para enfatizar algo negativo.

Para concluir, a substituição do *yo* pelo *me* é visível em ambas as variações. Esse é um elemento que não exclui totalmente a expressão do *yo*, ele é inserido indiretamente. Esse recurso é utilizado para evitar ambiguidade, também.

Em suma, após apresentado todo aporte teórico e analítico do objeto de estudo, encerramos a parte de análise com as citações de Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 85) que dizem que “o objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão”, tendo em mente que “a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe aqui um método que seja o melhor”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O típico argumento científico é o do tipo encontrado na lógica, ou matemática, onde a conclusão é necessariamente resultado das premissas” (Liakopoulos, 2002, p. 222).

Com base em todo apanhado desenvolvido até aqui, podemos discorrer nossas considerações finais. Então, a temática do nosso estudo versou sobre o âmbito pragmático, sociopragmático e a cortesia no fenômeno de omissão e uso do dêitico representado pelo pronome de primeira pessoa do singular da língua espanhola.

Aparentemente parece inverossímil traçar uma conexão entre a dêixis e a cortesia. No entanto, ao abordarmos os estudos da linguagem de maneira holística, a pragmática emerge como o elemento central que torna essa conexão viável. Ao unir essas áreas, demonstramos a amplitude do campo analítico que as teorias linguísticas abrangem.

A questão que guiou a pesquisa foi a seguinte: quais são os elementos pragmáticos e sociopragmáticos que influenciam o uso e a omissão do pronome *yo*? A partir dessa questão, foi possível delinear os objetivos e a metodologia, viabilizando o avanço da investigação.

Em virtude disso, propomos como objetivo geral analisar, sob o viés sociopragmático, quais elementos interacionais que influenciam o uso e a omissão do pronome dêitico *yo* na língua espanhola, conforme observado nos enunciados proferidos pelos protagonistas do filme *"Hasta que nos volvamos a encontrar"*.

Com base nisso, a pesquisa se direcionou para três objetivos específicos: a) selecionar os enunciados dos protagonistas que contêm a presença e ausência do pronome; b) observar quais elementos pragmáticos interferem no uso e omissão do *yo*; e c) analisar os enunciados sob a perspectiva da sociopragmática.

Na parte analítica propusemo-nos analisar os enunciados mediante os parâmetros da dêixis e os elementos sociopragmáticos da cortesia, como a atenuação.

Para o referencial teórico, mais precisamente o primeiro capítulo, nos alicerçamos nos estudos dos atos de fala apresentados por Austin (1982) pioneiro na área e Searle (1994), pesquisador que deu continuidade à teoria; no que tange à

sociopragmática e às relações de poder, usamos autores como Porcellato (2021) e Foucault (1999; 2005), referência na área.

Para embasar o segundo capítulo, no que tange à dêixis em espanhol, utilizamos as investigações de autores como Cifuentes Honrubia (1989) e Blancafort e Valls (2008). A respeito das discussões sobre imagem social, usamos alguns autores como Escandell-Vidal (1996), Leão (2013) e González (1994); por fim, para a cortesia e os elementos que rodeiam o *yo* nos alicerçamos em Bravo (2004), Briz (2005), Cantero (1976), Haverkate (1994) e Benveniste (1976).

Após a apresentação do referencial teórico e dos aspectos metodológicos, realizamos a análise e discussão dos resultados. Por fim, constatamos motivações semelhantes, mas, também, distintas na realização do *yo* entre as comunidades de fala explanadas.

Partindo do pressuposto apresentado por Neide González (1994) de que o espanhol é uma língua de sujeito nulo e levando em conta a possibilidade apresentada por Cantero (1976) de que de alguma forma a omissão altere o sentido da mensagem, encontramos alguns fatores que diferenciam o uso do pronome entre os personagens. Vejamos.

De forma mais sintética, encontramos as seguintes interferências com base nos autores mencionados: omissão em decorrência do contexto; omissão por verbos performativos; omissão por distanciamento; expressão para evitar ambiguidade; expressão reforçada por advérbios; e, por fim, uso com variação pré-verbal e pós-verbal. Ainda, em divergência, apenas nos enunciados ditos pela personagem peruana, aparece o uso deliberado motivado pela posição de luta.

Como já dito, pode-se ver que os espanhóis evitam o uso do dêitico mais do que os americanos. Nenhum caso de omissão linguística facultativa foi encontrado nas falas de Salvador, pois as ocorrências sem motivos linguísticos aparentes eram justificadas por questões estritamente pragmáticas relacionadas à atenuação e cortesia.

Além desse caso, e respondendo aos nossos objetivos, vemos alguns elementos extralinguísticos que interferem nas mensagens, tais como as emoções, atenuação, cortesia e a variação diatópica, por exemplo. Observar isso comprova que, pelo fato da dêixis ser egocêntrica, o seu uso reflete uma visão do mundo centrada na posição e nas circunstâncias de quem fala. O uso desses pronomes evidencia como

o falante organiza e interpreta a realidade a partir de sua própria localização temporal e espacial, enfatizando a subjetividade e a centralidade do "eu" no ato comunicativo.

Como consequência do que foi apresentado, afirmamos que a teoria da dêixis, juntamente com os aspectos da sociopragmática, foi eficaz na identificação sutil das mudanças nas mensagens. Com isso, constatamos que a combinação analítica dessas duas áreas trouxe contribuições significativas para a elaboração desta pesquisa.

Ademais, esperamos que sirva de aporte teórico para que leitores e pesquisadores compreendam profundamente sobre a interação social, a construção de identidade e as dinâmicas culturais que moldam a linguagem. Esse pronome não é apenas um marcador gramatical de primeira pessoa, mas também carrega nuances pragmáticas, sociolinguísticas e culturais que influenciam a forma como os falantes se expressam e interagem.

Para trabalhos futuros, sugere-se ampliar a investigação para analisar outros pronomes de tratamento, como *tú* e *usted*, explorando os traços de formalidade e informalidade em diferentes contextos sociopragmáticos. É pertinente observar que, em alguns países, o pronome *usted* é utilizado em situações informais, desafiando as normas da gramática tradicional. Essa análise pode incluir ainda o uso do *vos* na Argentina, cuja classificação varia em relação às normas gramaticais. Também, seria interessante aprofundar o estudo sobre como questões de hierarquia e solidariedade influenciam a escolha dos pronomes, ampliando a compreensão das dinâmicas sociointeracionais e culturais nos países hispanofalantes.

Além disso, que seja útil para a prática docente, com a inserção dos estudos pragmáticos. Também que contribua com o ensino e formação de professores de língua espanhola de modo a complementar com as aulas. Em conclusão, não considerando a pesquisa conclusiva, esperamos que sirva de inspiração para novas investigações na área.

## REFERÊNCIAS

- ALEMÁN, Ángela Castellano; RODRÍGUEZ, Adela Morín. Consideraciones sobre la distribución social del pronombre yo en español. *In*: MENÉNDEZ AYUSO, Emilio; DELGADO CABRERA, Arturo. **Lengua y cultura**: Enfoques didácticos. Universidad de las Palmas de Gran Canaria, 2001, p. 243-243. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=423858>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- AUSTIN, John Langshaw. **Como hacer cosas con palabras**. Tradução: Genaro R. Carrió e Eduardo A. Rabossi. Barcelona: Paidós, 1982.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASTOS, Rogério Lustosa. Ciências humanas e complexidades. **Projetos, métodos e técnicas de pesquisa**: o caos, a nova ciência. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 17-36.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. n. 5, v. 8. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed Nacional, 1976.
- BLANCAFORT, Helena Calsamiglia; VALLS, Amparo Tusón. **Las cosas del decir**: manual de análisis del discurso. Barcelona: Ariel, 2008.
- BRAVO, Diana. Panorámica breve acerca del marco teórico y metodológico. *In*: BRAVO, Diana; BRIZ, Antonio. **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso de cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004, p. 5-11.
- BRAVO, Diana. ¿Imagen positiva vs Imagen negativa?: Pragmática Socio-cultural y componentes de face. **Oralia**, v. 2, p. 155-184, 2002. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/ORALIA/article/view/8533/7144>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BRIZ, Antonio. Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE. **Actas del Programa de Formación para el profesorado de Español como Lengua Extranjera**. Universidad de Valencia, Múnic, 2005. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/publicaciones\\_centros/munich\\_2005-2006.htm](https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/munich_2005-2006.htm). Acesso em: 12 fev. 2024.
- BRIZ, Antonio. Para un análisis semántico, pragmático y sociopragmático de la cortesía atenuadora en España y América. *In*: BRIZ, Antonio. **Linguística Española Actual**. Espanha, Arco Libros, v. 29, n. 1, p. 5-40, 2007.

BRIZ, Antonio. La (no)atenuación y la (des)cortesía, lo lingüístico y lo social: ¿son pareja?. In: MORALES, Julio; VEGA, Grandfield. **Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico**. Barranquilla-Estocolmo: Universidad del Atlántico - Universidad de Estocolmo; CADIS – Programa EDICE, p. 635-667, 2012.

BRIZ, Antonio; SILVA, Luiz Antônio da; ANDRADE, Adriana Marcelle de; BLANCO, Ramiro Carlos Humberto Caggiano. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 281-314, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64415>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BROWN, Penelope; LEVISON, Stephen Politeness. **Some Universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, [1976] 1987.

CANTERO, Jorge Gustavo. Peculiaridades en el empleo del pronombre personal yo en el habla culta de la Ciudad de México. **Anuario de Letras**. Lingüística y Filología; v. 14, p. 233-237, 1976. Disponível em <https://repositorio.unam.mx/contenidos/4122535>. Acesso em: 07 jul. 2023.

CESTERO MANCERA, Ana María. Recursos lingüísticos de atenuación en el habla de Madrid. Estudio sociopragmático. In: **Cum corde et in nova grammatica**. Editores: Tomás Jiménez Juliá, Belén López Meirama, Victoria Vázquez Rozas e Alexandre Veiga. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, p. 233-246, 2012. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/12198>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma problemática semiolinguística do estudo do discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7-64.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da Mente**. São Paulo: Unesp, 2005.

CIFUENTES HONRUBIA, Jose Luis. Lengua y espacio. **Introducción al problema de la déixis en español**. Universidad de Alicante. Edição eletrônica: Espagráfic, 1989.

CORNEJO, Liliana. **Estrategias de cortesía verbal en el acto de habla del rechazo, en estudiantes del Coplumu, en la gestión 2020**. 2022. 143 f. Monografía (Linguística e idiomas) – Universidad Mayor de San Andrés, La paz, 2022. Disponível em: <https://repositorio.umsa.bo/bitstream/handle/123456789/31264/T-633.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel, 1996.

ESPINOSA, Agustín; CALDERÓN-PRADA, Alicia; BURGA, Glória; GÜÍMAC, Jessica. Estereotipos, prejuicios y exclusión social en un país multiétnico: el caso peruano. **Revista de Psicología**, v. 25, n. 2, p. 295-338, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FRÍAS CONDE, Xavier. Introducción a la pragmática. **Revista Philológica Románica IANUA**, 2001.

GARCÍA, Carmen; PLACENCIA, Maria Elena. Estudios de variación pragmática (sub) regional en español: visión panorámica. *In*: GARCIA, Carmen; PLACENCIA, Maria Elena (eds.). **Estudios de variación pragmática en español**. Buenos Aires: Dunken, 2011, p. 29-54.

GOMES, Carlos Manuel da Silva. **Mecanismos de atenuação e intensificação no ensino do Português Língua Estrangeira**: um estudo de caso. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/Estrangeira) – Universidade do Porto, Porto, 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/72523/2/28353.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GONZÁLEZ, Neide Terezinha Maia. **Cadê o pronome? o gato comeu**: os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. 1994. 449 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23052023-142930/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

GURGEL, Eretuza. **Pesquisa e Texto Acadêmico**. 2. ed. Mossoró: Sarau das Letras, 2019.

HAVERKATE, Henk. **La cortesía verbal**: estudio pragmlingüístico. Madrid: Gredos, 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, p. 17-36, 2002.

KAUL DE MARLANGEON, Silvia. Tipos de descortesía verbal y emociones en contextos de cultura hispanohablante. Río Cuarto: **Pragmática Sociocultural**, v. 5, n. 1, p. 1-23, 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEÃO, Luciana. Implicaturas e a violação das Máximas Conversacionais: uma análise do humor em tirinhas. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 65-79, 2013.

LEVINSON, Stephen Curtis. **Pragmática**. Tradução: Luis Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIAKOPOULOS, Miltos. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 218-241.

LOPES, Ana Cristina Macário. **Pragmática: uma introdução**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [http://cliente.argomg.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argomg.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html). Acesso em: 18 ago. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros, 2007.

MOSTACERO VILLARREAL, Rudy. Imagen y cortesía centradas en el ego y en un texto autobiográfico. *In*: MORALES, Julio; VEGA, Grandfield. **Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico**. Barranquilla-Estocolmo: Universidad del Atlántico - Universidad de Estocolmo; CADIS – Programa EDICE, 2012. p. 635-667.

OLIVEIRA, Jair Antonio de. Pragmática & Comunicação. **Revista Linguagem em Foco**, v. 2, n. 3, p. 53-68, 2010. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1711>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PORCELLATO, Adriana. Atos de fala nos livros didáticos de italiano L2 / LE: uma análise pragmatolinguística e sociopragmática dos pedidos. *In*: SANTORO, Elisabetta; SILVA, Luis; KULIKOWSKI, Maria. **Estudos em pragmática: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês**. São Paulo: FFLCH/USP, 2021, p. 95-110.

ROCHA, Evando Luiz e Silva Soares da; SILVA, Ailma do Nascimento. Dêixis: da visão clássica à perspectiva da referenciação. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 42, p. 1-16, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **La trascendencia del Ego**. Esbozo de descripción fenomenológica. Tradução de M. García Baró. Madrid: Síntesis, 2003.

SEARLE, John. **Actos de habla**. Ensayo de filosofía del lenguaje. Tradução: Luis Miguel Valdés Villanueva. Ediciones Cátedra. Barcelona: Planeta-Agostini, 1994.

SERRANO, María José. El sujeto y la subjetividad: Variación del pronombre ‘yo’ en géneros conversacionales y de los medios de comunicación del español de Canarias. **Revista Signos: Estudios de Lingüística**. Chile, p. 321-343, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA JÚNIOR, Pedro Adrião da. Pragmática: análise dos atos de fala. *In*: CARVALHO, Cid Ivan da Costa; BARBOSA, José Roberto Alves (orgs.). **Teorias Linguísticas: orientações para a pesquisa**. Mossoró, RN: EDUFERSA, 2021, p. 101-124.

TORRE MEDINA, Antonio. Entroncamiento lingüístico. *In*: TORRE MEDINA, Antonio. **La noción de fuerza ilocutiva en la obra “Cómo hacer cosas con palabras” de Austin**. 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2004, p. 37-48. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/2083/TESISATORREMEDINA.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov. 2023.

VALCÁRCEL, Julieta García-Pomareda; SALVADOR, Rosa Zambrano. **Lengua Castellana y Literatura I**. España: Ministerios de Educación, Cultura y Deporte, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/36611222/Lengua\\_castellana\\_y\\_literatura\\_1\\_bachillerato](https://www.academia.edu/36611222/Lengua_castellana_y_literatura_1_bachillerato). Acesso: 21 maio. 2024.

VICENTE MATEU, Juan Antonio. **La deixis**: Egocentrismo y subjetividad en el lenguaje. Murcia: secretariado de publicaciones, Universidad, 1994.